

Aldeia das Amoreiras **Sustentável**

PROJECTO DE PERMACULTURA
Plano Geral 2012





Aldeia das Amoreiras Sustentável, Projeto de Permacultura,
Plano Geral 2012

ISBN 000-00-00000-00-0

1ª Edição | 2013

Publicado por GAIA, Centro de Convergência, projeto Aldeia das
Amoreiras Sustentável
<http://aldeiasustentavel.net>

Coordenação: André Vizinho
Designers de Permacultura: André Vizinho, Filipa Santos, João
Gonçalves, Jorge Crespo, Maurício Umman
Direitos de Autor: Este trabalho tem alguns direitos de autor
reservados sob a licença de uso Creative Commons. Os direitos
pertencem aos autores do trabalho em conjunto com o Centro de
Convergência - GAIA Alentejo

Implementação: Todo o trabalho prático de desenvolvimento local
incluindo o projecto Aldeia das Amoreiras Sustentável foi realizado
por Centro de Convergência com G.A.I.A. - Grupo de Acção e
Intervenção Ambiental - núcleo do Alentejo, população da Aldeia
das Amoreiras e organizações parceiras.

Da equipa de designers de Permacultura importa referir que
André Vizinho reside na Aldeia das Amoreiras e está presente em
grande parte das actividades que decorreram, tendo coordenado
o projecto Aldeia das Amoreiras Sustentável. João Gonçalves
esteve presente na Aldeia das Amoreiras cerca de um ano (2011)
a realizar trabalho no local através de um estágio no GAIA com o
apoio do IEFP. Jorge Crespo esteve também no local a realizar os
inquéritos à Aldeia das Amoreiras porta-a-porta em Agosto 2010.
Aparte estas presenças toda a equipa se encontrou na Aldeia das
Amoreiras várias vezes e noutros locais do país para desenvolver
este trabalho com muito carinho.

Trabalho gráfico: por Filipa Santos e Maurício Umann

Este documento encontra-se disponível para venda.

Impressão

Aldeia das Amoreiras
Sustentável

centro de
convergência

GAIA
Grupo de Acção e Intervenção Ambiental

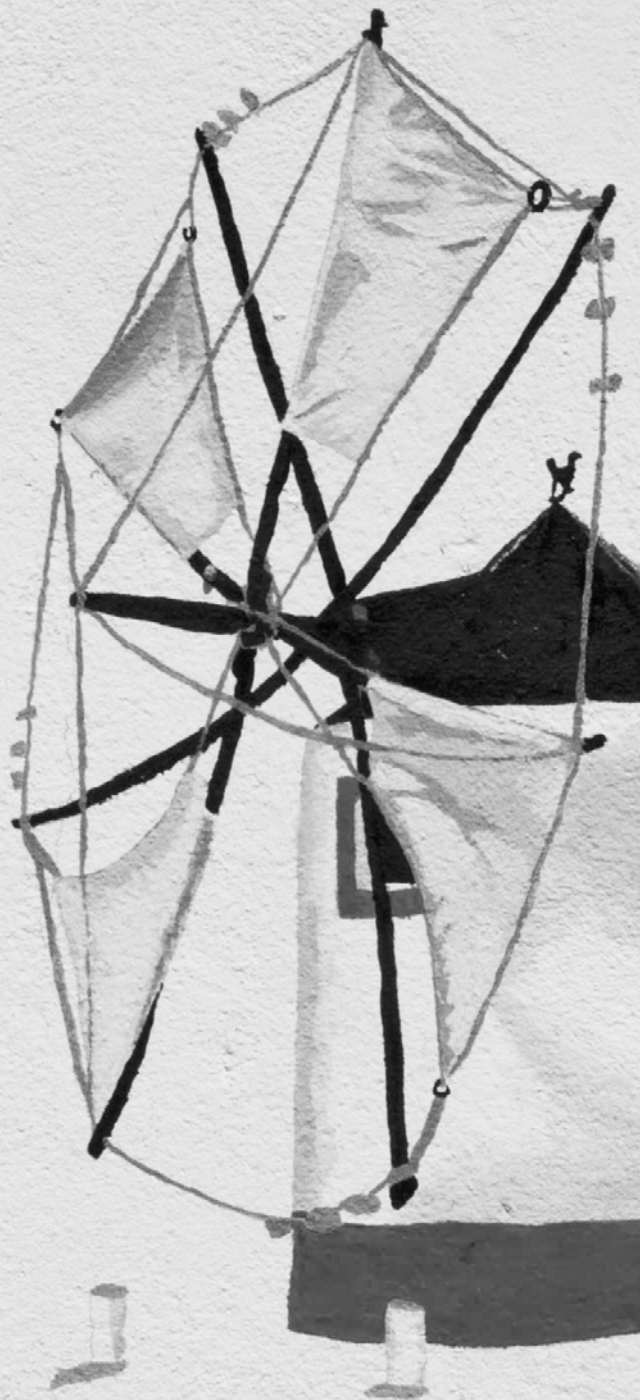
PERMA

BASE
EUROPEAN UNION
CLIMATE ADAPTATION
INSTRUMENT FOR GROWTH

DS Educação e Cultura
Programa e Juventude em Acção

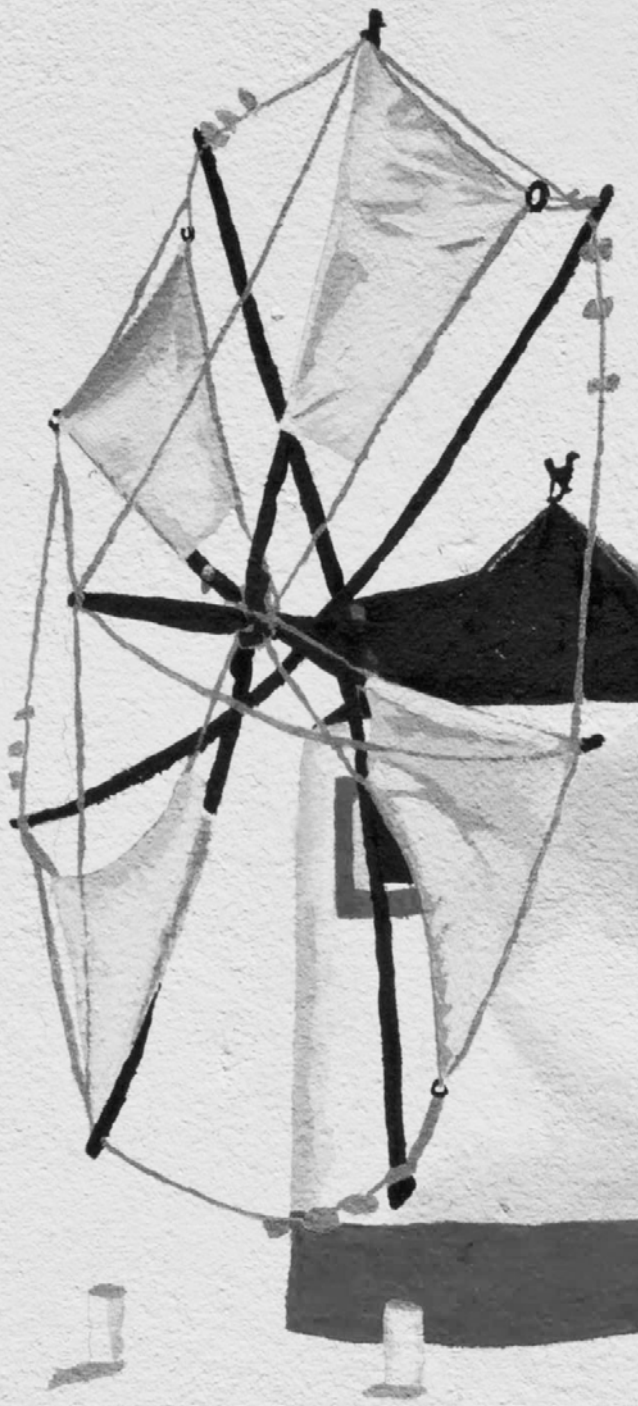
juventude

MA
ODEIRA



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	5	FUNÇÕES E SOLUÇÕES PRIORITÁRIAS	44
INTRODUÇÃO	6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
A ALDEIA DAS AMO REIRAS	6		
ALDEIA DAS AMOREIRAS SUSTENTÁVEL	7	PROPOSTA	52
CENTRO DE CONVERGÊNCIA	8	VISÃO PERMA D PARA A ALDEIA DAS AMOREIRAS	53
PERMA-D	8	PERMADNA ESPECTRO DE TRABALHO	54
UM MODELO PARA UMA ALDEIA SUSTENTÁVEL	9	AS ZONAS DA ALDEIA DAS AMOREIRAS	56
PERMACULTURA	9	ZONAS E ELEMENTOS	59
CONTEXTO GLOBAL	10	A PRIORIZAÇÃO DE FUNÇÕES	65
REFLEXÃO SOBRE A ELABORAÇÃO DE UM PROJECTO DE		FUNÇÕES E SOLUÇÕES PRIORITÁRIAS	66
PERMACULTURA PARA UMA ALDEIA	11	ESTRATÉGIAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO	70
UM DESIGN DE PERMACULTURA	12	PLANEAR, FAZER E CELEBRAR EM GRUPOS DE SONHO	70
PROCESSO DE DESIGN	13	EVENTOS MULTIFUNCIONAIS	73
		CONCLUSÃO DA PROPOSTA	75
DIAGNÓSTICO	15		
OBSERVAÇÃO	16	CONSIDERAÇÕES FINAIS 76	76
INTRODUÇÃO	16		
A ALDEIA DAS AMOREIRAS NO MAPA	17		
AS PAISAGENS EM VOLTA DA ALDEIA DAS AMOREIRAS	20		
VIVER NA ALDEIA DAS AMOREIRAS DE 2006 A 2011			
(integração e descoberta)	24		
ALDEIA DE SONHO: VISÃO DA Aldeia das Amoreiras	25		
SESSÕES DE PARTICIPAÇÃO: A ALDEIA DE SONHO	25		
INQUÉRITOS AOS HABITANTES DA ALDEIA	26		
OBJECTIVOS DOS INQUÉRITOS	26		
METODOLOGIA	27		
RESULTADOS	28		
ANÁLISE	29		
INTRODUÇÃO	29		
RECOMENDAÇÕES A PARTIR DO ESTUDO DA PAISAGEM	30		
A VISÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO			
LOCAL	31		
ANÁLISE FOFA	33		
ANÁLISE DE INPUTS E OUTPUTS	40		
ANÁLISE DOS FLUXOS	42		
ANÁLISE DAS FUNÇÕES	43		



PROJECTO DE PERMACULTURA

Aldeia das Amoreiras Sustentável

“Eles não sabem que o sonho
é uma constante da vida
tão concreta e definida
como outra coisa qualquer,
como esta pedra cinzenta
em que me sento e descanso,
como este ribeiro manso
em serenos sobressaltos,
como estes pinheiros altos
que em verde e oiro se agitam,
como estas aves que gritam
em bebedeiras de azul.

Eles não sabem que o sonho
é vinho, é espuma, é fermento,
bichinho álaçre e sedento,
de focinho pontiagudo,
que fossa através de tudo
num perpétuo movimento.

Eles não sabem que o sonho
é tela, é cor, é pincel,
base, fuste, capitel,
arco em ogiva, vitral,
pináculo de catedral,
contraponto, sinfonia,
máscara grega, magia,
que é retorta de alquimista,
mapa do mundo distante,
rosa-dos-ventos, Infante,
caravela quinhentista,

que é Cabo da Boa Esperança,
ouro, canela, marfim,
florete de espadachim,
bastidor, passo de dança,
Colombina e Arlequim,
passarola voadora,
pára-raios, locomotiva,
barco de proa festiva,
alto-forno, geradora,
cisão do átomo, radar,
ultra-som, televisão,
desembarque em foguetão
na superfície lunar.

Eles não sabem, nem sonham,
que o sonho comanda a vida.
Que sempre que um homem sonha
o mundo pula e avança
como bola colorida
entre as mãos de uma criança.
...”

António Gedeão

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Esta publicação é o resultado do trabalho conjunto de cinco Permacultores da PERMA-D, com o Centro de Convergência, e contou com a colaboração de dezenas de voluntários e um forte sentido de comunidade gerado entre todos os que fizeram este projecto possível.

Pretende-se com este documento formalizar um processo que está a decorrer... o planeamento e aplicação dos princípios da Permacultura à Aldeia das Amoreiras.

O objectivo principal é pensar uma Aldeia das Amoreiras sustentável e feliz para os que nela vivem e para os que nela virão a habitar no futuro...

É o nosso contributo para as aldeias deste país... e para que a Aldeia das Amoreiras continue a criar o sonho que resta concretizar....

A ALDEIA DAS AMOREIRAS

A Aldeia das Amoreiras é uma aldeia situada em Portugal, região do Alentejo, no distrito de Beja e concelho de Odemira. Esta aldeia tem mais de 5 séculos de existência e nela habitam, actualmente, cerca de 160 pessoas mais cerca de 20 nos montes e quintas em volta. A Aldeia das Amoreiras está situada na fronteira entre três paisagens, no início da enconsta norte da serra do Caldeirão, no início das colinas de Odemira e no início dos campos de Ourique.

Por esta razão a população desta aldeia tradicionalmente conhece muitas práticas agrícolas e silvícolas como a apanha da cortiça, do medronho, a cultura de cereais, do linho, da caça, da lenha, do vinho, do mel, do gado caprino, ovino e suíno. A cultura do cante ao Baldão e da viola Campaniça ligada à aldeia de Corte Malhão e à Freguesia de São Martinho das Amoreiras, a que pertence, marcam a criatividade e identidade desta povoação.

Historicamente alguns momentos marcam o seu passado e as suas memórias como a passagem periódica da Rainha D. Maria pela Aldeia a caminho de Monchique no século XVIII; como os meados do século XX com o abundante trabalho no trigo com baixos salários e muita população; como o 25 de Abril e a subida generalizada da qualidade de vida e do preço da mão-de-obra rural. A emigração e a migração interna à procura

de trabalho nas cidades deixou a Aldeia com cerca de um terço da população que tinha nos anos 60. Antigamente é que era, havia trabalho à farta, dizem os mais velhos. Há uns anos é que era, ganhava-se bem, diz quem trabalha. Agora é que vai ser, dizem os novos moradores.

ALDEIA DAS AMOREIRAS SUSTENTÁVEL

O projecto Aldeia das Amoreiras Sustentável é uma iniciativa do Centro de Convergência iniciada em Maio de 2010 com a missão de criar uma aldeia sustentável pensada com a população e entidades parceiras e gerida pela população em parceria a administração local e outras entidades consideradas pertinentes pela população, grupos e associações locais.

O pressuposto deste projecto é que a sustentabilidade depende em primeiro lugar da participação e responsabilização da população sobre a gestão do seu próprio território e dos seus recursos. Sob uma gestão local responsável, surgirá naturalmente a integração da economia, da coesão social, e da defesa do ambiente.

Os objectivos específicos e actividades detalhadas do projecto podem ser consultados no site www.aldeiasustentavel.net. Os objectivos gerais do projecto são:

PARTICIPAR: Envolver a população da Aldeia das Amoreiras e entidades parceiras na idealização e construção da Aldeia das Amoreiras Sustentável.

PENSAR: Recolher e analisar informação para construir cenários alternativos de desenvolvimento com apoio de estudos técnicos de

Engenharia Ambiental, Economia Ecológica e Permacultura.

CAPACITAR: Promover a formação, a troca de conhecimento, a valorização do conhecimento e recursos locais, a autoconfiança e autodeterminação da população.

CONCRETIZAR: Resolver, em grupos de interesse da população, os problemas considerados prioritários.

DOCUMENTAR & DIVULGAR: Documentar o processo em vídeo e dar visibilidade ao projecto e aos seus apoiantes em momentos estratégicos definidos.

Um dos objectivos específicos deste projecto é criar um cenário de sustentabilidade forte com soluções integradas que possa ser apresentado à população como um dos cenários para o futuro da Aldeia. Uma das melhores maneiras de construir um cenário concreto com soluções práticas e integradas para a sustentabilidade forte de uma Aldeia é elaborar um Design de Permacultura.

Neste sentido, o Centro de Convergência convidou a PERMAD - Permaculture Designers para elaborar “um Design de Permacultura para a Aldeia das Amoreiras Sustentável”, baseado no sistema de planeamento de Permacultura, um projecto nunca antes realizado em Portugal ou no mundo para uma aldeia com centenas de anos de história.

CENTRO DE CONVERGÊNCIA

O Centro de Convergência é um projecto inovador que surgiu na Aldeia das Amoreiras no ano de 2006 / 2007 por iniciativa de um grupo de jovens urbanos, com o objectivo de criar uma ponte entre a cidade e o campo e incentivar a convergência de todos aqueles que desejam aplicar os seus conhecimentos e experiências em meio rural para descobrir como é possível hoje viver de forma sustentável ao nível ecológico, económico, social e pessoal.

De 2006 a 2010 o Centro de Convergência trabalhou na Aldeia das Amoreiras realizando actividades e eventos multidisciplinares nas áreas da arte comunitária, ecologia, Permacultura, media, acção social, cultura, investigação, entre muitos outros. Este trabalho muito intenso criou um programa de actividades culturais muito rico ao longo destes anos direccionado para a Aldeia das Amoreiras mas também para os neo-rurais e para a população em geral.

Este trabalho ensinou que para ir mais longe na construção da sustentabilidade não basta realizar actividades sustentáveis mesmo que pedagógicas e demonstrar a sustentabilidade dos espaços e pessoas do Centro de Convergência.

É necessário envolver e trabalhar com os habitantes da Aldeia procurando assim atingir a sustentabilidade da Aldeia no seu todo.

Adicionalmente, o Centro de Convergência sentiu a necessidade de empoderar a população da Aldeia para o debate e planeamento do seu próprio futuro e assim ajudar a criar uma nova cultura de participação activa das populações na gestão das suas comunidades e na realização dos seus sonhos.

PERMA-D

A Perma-D é um colectivo de Designers de Permacultura que reúne pessoas com experiências pessoais e profissionais diversas, todas com formação e experiência em Design de Permacultura e visa oferecer serviços de Design de Permacultura para situações complexas, tanto para o meio urbano como para o meio rural, em Portugal e noutros países onde se fala a língua portuguesa.

Realizar projectos de qualidade, criando uma cultura de competência no trabalho de Design de Permacultura é o objectivo central da PermaD.

Apresentamo-nos como consultores e executores, dominando um vasto leque de soluções técnicas que propomos com detalhe.

UM MODELO PARA UMA ALDEIA SUSTENTÁVEL

Um modelo de permacultura para uma aldeia sustentável consiste numa visão e planeamento integrado para o sistema de uma aldeia que inclui fisicamente o seu aglomerado urbano e a sua paisagem envolvente até ao limites das povoações vizinhas.

O planeamento sistémico ou planeamento de um sistema consiste em olhar para todas as partes do sistema e entender as suas relações para o funcionamento do todo. Desta forma, para desenhar um modelo para uma aldeia numa perspectiva sistémica, identificamos todos os elementos e funções/necessidades do sistema e procuramos encontrar as soluções dentro do sistema da Aldeia. A partir de uma análise input-output conseguimos saber o que cada elemento necessita e produz, como valor ou desperdício.

Se os elementos estiverem bem posicionados relativamente aos outros elementos então todas as necessidades serão satisfeitas e os subprodutos serão valorizados. Adicionalmente, pode ser necessário criar ou adicionar novos elementos sociais, económicos ou ecológicos que desempenhem funções alavanca e que permitam fazer o fluxo entre os diversos elementos.

Adicionalmente, em Permacultura procuramos desenhar sistemas que sejam permanentes, ou seja, que necessitem do mínimo de manutenção no futuro e assentem a sua base económica na utilização dos recursos naturais dentro da capacidade de carga dos ecossistemas.

Um modelo de Permacultura para uma Aldeia Sustentável é então uma proposta que desenha e posiciona os elementos que permitem o fluxo de energia, alimento, recursos, dinheiro, pessoas e comunicação entre todos os elementos de uma aldeia e da sua paisagem envolvente, satisfazendo todas as necessidades sociais, económicas e ecológicas de quem habita o território em causa.

PERMACULTURA

A Permacultura - (Agri) Cultura Permanente - é um método de Design criado na Austrália por Bill Mollison e David Holmgren com o objectivo de criar habitats humanos permanentes ou sustentáveis. Reconhece os padrões naturais como modelos inspiradores da integração funcional de elementos vivos e não vivos na paisagem urbana e rural.

Adopta orientações éticas resumidas em “cuidar da terra”, no sentido de respeitar e cooperar com Natureza que é fonte de toda a riqueza e que, como uma Mãe, nos dá tudo o que precisamos, “cuidar das pessoas”, para a auto-realização humana integral, olhando os seres humanos como seres sociais que se realizam através da consciência e da responsabilidade social. E o terceiro princípio é “retribuir o excedente”, ou seja, investir tudo aquilo que temos como excedente nos dois primeiros: cuidar da terra e das pessoas.

A Permacultura utiliza princípios práticos para apoiar o trabalho da pessoa designer/planeadora na concepção de um sistema permanente em qualquer contexto. Os princípios mais utilizados são os 12 princípios formulados por David Holmgren, co-fundador da Permacultura.

Para melhor esclarecer a população e os visitantes da Aldeia das Amoreiras sobre os princípios da Permacultura adaptámos os princípios práticos com exemplos da Aldeia das Amoreiras.

CONTEXTO GLOBAL

Em 1974, quando surgiu o conceito de Permacultura, o mundo estava, como ainda em grande medida está nos dias de hoje, focado num modelo de desenvolvimento que privilegia a acumulação do lucro financeiro pelas empresas pensando que este lucro irá gerar mais riqueza que se distribuirá progressivamente, aumentando o bem-estar dos povos.

Esta lógica e este modelo de desenvolvimento tem criado zonas de grande pobreza no mundo devido à desapropriação das terras e meios de produção das populações locais, originado simultaneamente elevadíssimos impactos ambientais devido aos desperdícios e subprodutos das indústrias, das cidades, dos transportes e da agricultura. O incentivo e a possibilidade de acumular lucros infinitamente tem originado conflitos e guerras pelos recursos, que por sua vez originam um ciclo ainda maior de pobreza e devastação.

Consequentemente, observa-se uma migração para as cidades em todo o mundo que é incentivada também pelo vigente modelo de concentração, especialização e mecanização da produção.

A Permacultura surge então como uma abordagem e um conjunto de soluções que permite viabilizar a sustentabilidade económica, ecológica e social da localização da vida e gestão de forma bio-regional e sistémica dos territórios.

Neste sentido, o que nos move é passar para a prática, planeando e implementando a transição das nossas comunidades do hoje para o amanhã; do nosso modo de (dis)funcionamento actual para o nosso futuro sustentável e feliz.

A nossa responsabilidade é aplicar os princípios e a ética da Permacultura para desenhar sistemas de sucesso, que funcionem com o mínimo de manutenção e gasto de energia no futuro e com o máximo de estabilidade e resiliência.



REFLEXÃO SOBRE A ELABORAÇÃO DE UM PROJECTO DE PERMACULTURA PARA UMA ALDEIA

Concebemos a aldeia como um sistema ecológico e sociocultural, com uma história e cultura, amadurecida ao longo de centenas de anos, em que foi aprofundada uma relação entre a cultura e o potencial do ambiente natural específico. E incluímos na aldeia a sua paisagem envolvente que a sustenta.

Neste contexto os desafios surgem associados a duas abordagens estratégicas:

- Valorizar e melhorar o que “já existe”;
- Criar novos elementos multi-funcionais que desempenhem as funções necessárias no cenário ideal.

As perguntas são:

Como criar mais sinergia, cooperação e aprendizagem entre as pessoas, usando os processos e elementos que já existem no sistema para servir as necessidades psicológicas, culturais, sociais e ecológicas da aldeia e do meio envolvente?

Como tornar os elementos e processos existentes mais multi-funcionais, ou seja, capazes de

cumprir mais funções, de atingir mais objectivos ou satisfazer mais necessidades psicológicas, culturais, sociais e ecológicas?

Como criar novas ligações funcionais entre elementos do sistema e elementos do exterior (pessoas, mercados, escolas, empresas, instituições), para valorizar os recursos e minimizar a importação e aumentar a circulação interna e regional de fluxos?

Ambas as abordagens convergem num plano geral que pode implicar integração de novas pessoas, saberes, experiências, valores, processos e recursos.

Mas quem irá impulsionar esta dinâmica de valorização, criação, partilha, renovação, troca, formação, participação, organização, integração, planeamento, implementação, monitorização, avaliação?

Se num projecto de Permacultura para uma quinta ou herdade, quem implementa são os seus

donos e os seus trabalhadores, numa aldeia, quem implementa o plano é a sua população, a administração pública, as associações locais, as empresas, as famílias.

Assim, o principal desafio de um projecto de Permacultura para uma aldeia é pensar como envolver estes agentes para que o plano seja considerado nos momentos de planeamento e discussão de soluções para os problemas de cada um dos sectores ou subsistemas da aldeia.

Idealmente e como ponto de partida, todas as pessoas com influência na aldeia e sua paisagem envolvente deveriam ler as propostas do plano geral de Permacultura. Exemplo: junta de freguesia, assembleia de freguesia, vereadores do município, empresas locais, proprietários florestais, associações locais e habitantes da aldeia.

Convencionalmente, quem apresenta as propostas e visão para a gestão do bem comum e espaços públicos, são as listas e partidos candidatos ao poder, leia-se administração pública.

UM DESIGN DE PERMACULTURA

Um design de Permacultura é um plano integrado que se aplica a um território gerido por seres humanos respeitando os princípios éticos e práticos da Permacultura e indo ao encontro dos objectivos e necessidades de quem gere, habita e depende do território em causa.

Em poucas palavras, um plano de Permacultura começa com uma entrevista ao cliente, o proprietário /gestor do espaço em causa para identificar os objectivos e iniciar o processo de recolha de informação necessária ao desenho e localização dos elementos que vão desempenhar as funções necessárias para atingir os objectivos de vivência do espaço em análise.

Um plano geral de permacultura para uma quinta é um processo complexo pois implica a análise da situação actual e potencial de todos os recursos naturais mas também de todas as pessoas que agem no espaço que se pretende intervir.

Este tipo de análise aos aspectos ecológicos, sociais e económicos de um espaço pode ser apelidada de uma análise sistémica uma vez que se considera a quinta, ou aldeia ou região em causa como um sistema, por se pretender entender o comportamento do sistema como um todo e não meramente das suas partes.

Por outro lado, a administração pública não apresenta convencionalmente propostas ou visões para a gestão dos espaços privados, cabendo esse papel aos proprietários ou às associações de trabalhadores.

Um projecto de Permacultura para uma aldeia entra em todos estes espaços pelo que é fundamental que os agentes responsáveis pelos espaços públicos e privados não vejam um projecto de permacultura como uma violação do seu espaço de intervenção e da sua responsabilidade de gestão mas antes como um contributo para ajudar a realizar os objectivos de todos.

O plano ou design de Permacultura é assim um conjunto de propostas práticas imbuídas de uma estratégia para atingir os objectivos gerais das pessoas que habitam o sistema e em simultâneo Cuidar da Terra, Cuidar das Pessoas e Partilhar Justamente o que se produz no sistema em questão.

Um plano de Permacultura pode ser um Plano Geral ou um Projecto de Implementação consoante o detalhe e adaptação local das soluções propostas.

Este projecto de Permacultura é um Plano Geral pois propomos uma estratégia para atingir a sustentabilidade da Aldeia das Amoreiras mas não apresentamos as soluções minuciosamente com o detalhe necessário a serem implementadas de imediato a cada subsistema da Aldeia das Amoreiras.

PROCESSO DE DESIGN

O processo de design de Permacultura separa-se em diferentes fases: observação, análise, design, implementação, monitorização / manutenção. Apesar destas fases e processos serem independentes eles podem acontecer simultaneamente em alguns momentos por forma a poder validar hipóteses e prosseguir com mais detalhes e certeza sobre as propostas a apresentar até sobre a informação a adquirir.

Desta forma pode-se dizer ao invés de uma linha recta temporal, no processo de design de Permacultura segue-se uma espiral ascendente, em que se inicia um processo com pressupostos bastante gerais, uma análise geral e propostas gerais que se implementam de forma experimental e se passa para uma segunda ronda de planeamento em que se vai observar com mais detalhe, analisar com mais detalhe, propor com mais detalhe e implementar com mais cuidado para obter feed back detalhado. Chegado a um momento satisfatório de informação desenha-se um plano geral, que define as linhas gerais da implementação.

O processo de implementação de soluções permanentes necessita de um novo processo de planeamento em detalhe da qual resulta um projecto de investimento.

Assim, para o Plano Geral de Permacultura para a Aldeia das Amoreiras seguimos os seguintes passos:

Observação activa: O método de observação foi viver e estar na Aldeia; organizar reuniões de participação em que se pergunta às pessoas da Aldeia a informação necessária; realizar inquéritos à população para recolher informação; recolher informação bibliográfica publicada.

Fronteiras: O método para identificar as fronteiras legais, naturais, políticas, económicas, sociais resultou da observação e consistiu em definir as fronteiras em mapa, em esquema na apresentação dos inquéritos e e texto, nomeadamente através do recurso à categorização em áreas PESTE (Políticos, Económicos, Sociais, Tecnológicos, Ecológicos) dentro da análise FOFA (SWOT).

Recursos: Os recursos naturais, humanos, sociais, tecnológicos, imateriais (conhecimento, processos, cultura) e materiais foram identificados ao longo da Análise Funcional e sistematizados na análise FOFA, no capítulo Forças da Aldeia.

Análise Funcional: Partimos do Índice de Recursos para a Bio-Região sugerido pelo Bill Mollison no Permaculture Designer Manual para identificar as funções que são necessárias satisfazer para a

Aldeia das Amoreiras.

Definição de funções prioritárias: Partindo da análise das funções necessárias para a Aldeia, identificámos quais são as necessidades que estão satisfeitas e quais são as que não estão satisfeitas. Considerámos as que não estão satisfeitas como prioritárias.

Análise FOFA: A Análise FOFA (Forças Oportunidades Fraquezas Ameaças) ou SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats) serve como base para definir uma estratégia tentando maximizar as forças (internas) e oportunidades (externas à Aldeia) e minimizar as fraquezas (internas) e as ameaças (externas).

A análise FOFA foi realizada tendo em conta as áreas temáticas PESTE.

Priorização: A priorização é o resultado da combinação da estratégia com as funções consideradas prioritárias. O resultado é precisamente uma priorização ainda mais refinada das funções e elementos a implementar na Aldeia.

Construir o cenário ideal - fluxos e zonas: Identificar os fluxos actuais é aplicar uma análise input-output onde se identifica o que entra e sai no sistema e em cada sector. Identificar e mapear os fluxos futuros num cenário ideal é pensar

os elementos e a sua posição relativa por forma a fechar os ciclos dos fluxos de energia, recursos, pessoas etc, dentro do sistema, sempre que possível. O mapeamento recorreu ao sistema de zonas em que a zona 0 está mais perto porque precisa de mais manutenção e a zona cinco está mais longe porque não precisa de manutenção.

Cronograma: Partir do cenário Ideal num momento futuro e fazer o planeamento inverso do que é necessário fazer em cada ano para lá chegar.

Implementação parcial, monitorização, avaliação e celebração constante: O processo de design necessita de implementação para obter feedback em detalhe suficiente para conseguir identificar que tipo de soluções pode funcionar. Monitorizar e avaliar o feedback suporta a realização do processo de design. A celebração é a prova de que o processo é importante e dá frutos que nos ajudam a construir um mundo feliz.



DIAGNÓSTICO



OBSERVAÇÃO

INTRODUÇÃO

Observar significa olhar atentamente procurando entender o que se observa. Quem observa deve ter atenção quem é, porque observa e qual é a sua perspectiva, o seu olhar. Olhando para a vista abaixo da aldeia, o que vemos?



Um fotógrafo repara no enquadramento, na luz; um agricultor vê a terra trabalhada ao fundo, na proximidade da Aldeia; um silvicultor pode ver o ordenamento das árvores e um apicultor encontra um sítio onde colocar colmeias... Um promotor turístico pensa na vista e um economista pensa na escala da produção. Um arquitecto olha para as casas e um permacultor pensa em como ligar todos os elementos, todas as funções, todos os olhares indo ao encontro da identidade, dos desejos e das motivações de quem lá mora.

Foi, assim, na tentativa de maximizar o número de perspectivas e olhares sobre a Aldeia das Amoreiras que conduzimos o processo de observação, participando mas também realizando inquéritos e pesquisas bibliográficas intensas para conseguir obter o máximo de informação possível sobre a Aldeia das Amoreiras e a sua paisagem envolvente.

Abaixo apresentamos a nossa observação nos seguintes pontos:

- A Aldeia das Amoreiras no Mapa;
- Três Paisagens e uma Freguesia; A Aldeia das Amoreiras e o s montes em volta;
- A visão das Associações de Desenvolvimento Local;
- Contexto bioregional (social, económico e ecológico);
- Viver na Aldeia de 2006 a 2011 (integração e descoberta);
- Aldeia de Sonho - Visão da Aldeia das Amoreiras;
- Sessões de Participação - A Aldeia de Sonho;
- Inquéritos aos habitantes da Aldeia;
- Objectivos dos inquéritos;
- Metodologia;
- Resultados.

A ALDEIA DAS AMOREIRAS NO MAPA

A Aldeia das Amoreiras situa-se no continente Europeu, Portugal, região do Alentejo, distrito de Beja, concelho de Odemira, freguesia de São Martinho das Amoreiras, a cerca de 50km do oceano atlântico, no início da encosta norte da Serra do Caldeirão, tocando no início da paisagem da planície alentejana, por vezes apelidada de Campos de Ourique.

Quando nos aproximamos da Aldeia das Amoreiras de carro, a pé ou numa fotografia aérea, percebemos que a Aldeia das Amoreiras é um povoamento no meio de um vasto espaço natural.



A Aldeia na Península Ibérica.



Vista aérea da Aldeia das Amoreiras.

À volta deste belo povoamento há paisagens e montes e casas e é deste envolvimento que resulta a vida e toda a sustentabilidade da Aldeia.

Por isso, neste projecto consideramos a Aldeia das Amoreiras, o aglomerado rural em conjunto com os montes em volta.

Os montes em volta são as quintas ou casas isoladas, tipicamente apelidadas de montes na região alentejana, que estão entre a Aldeia das Amoreiras e outras povoações em volta como Conqueiros, São Martinho das Amoreiras, Amoreiras-Gare, Garvão e o limite do concelho com o município de Ourique no lugar de Garcia Galego.

Os montes são habitações historicamente habitadas por famílias que praticavam agricultura familiar, produzindo nos vales e corgos produtos hortícolas, frutícolas e milho. Nos solos menos produtivos, mesmo que inclinados usava-se produzir cereais extensivamente em ciclos de rotação de 4 anos alternando entre trigo, aveia, pasto e alqueive /pousio.

Grande parte destes montes estão hoje desabitados com os edifícios em ruína ou tendo sido vendidos a estrangeiros reformados ou habitantes da cidade que os utilizam para passar férias. Alguns montes estão habitados por pessoas que praticam agricultura para consumo próprio ou para vender alguns excedentes. Outros montes estão habitados por novos habitantes rurais provenientes da cidade, pessoas tipicamente qualificadas e/ou licenciadas que alugam ou compram um monte para experimentar viver em espaço rural.

Os montes estão associados à propriedade florestal na paisagem a sul do aglomerado rural da Aldeia das Amoreiras, em que domina o montado de sobreiro denso misturado com medronheiros ou alternativamente os “projectos” de plantações de monocultura de sobreiros ou eucalipto.

Por outro lado, a oeste, norte e oeste do aglomerado rural da Aldeia das Amoreiras, os montes estão associados a uma propriedade de montado muito espaçado onde ainda se produzem trigos e aveias para forragem, pastos e projectos de monocultura de pinheiro manso.

A compreensão da paisagem, dos habitats, da natureza e da forma como funciona todo o ecossistema é absolutamente determinante para poder fazer um plano eficaz para a sustentabilidade de uma região ou de qualquer sistema humano-natural. Assim iremos de seguida compreender as paisagens e os habitats que envolvem a Aldeia das Amoreiras.



A Aldeia das Amoreiras e os montes em volta.

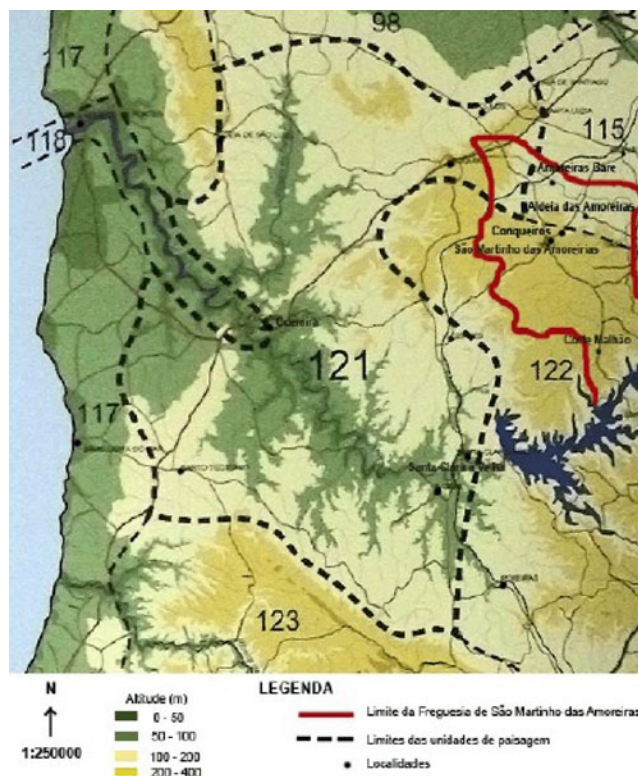
AS PAISAGENS EM VOLTA DA ALDEIA DAS AMOREIRAS

A Freguesia é hoje, em Portugal, a entidade administrativa do território mais pequena e como tal é utilizada para a gestão operacional dos problemas locais em variadas vertentes.

Quando tentamos, porém, analisar e estudar o território com base na delimitação geográfica da freguesia podemos encontrar aspectos muito diferenciados quanto à sua identidade cultural ou natural.

O conceito de paisagem existe desde antes da idade média, tendo evoluído o seu significado de uma divisão administrativa ou religiosa do território até aos dias de hoje em que se incluem nela os aspectos ecológicos, culturais, sócio-económicos e até sensoriais, incluindo assim a perspectiva subjectiva e temporal do observador.

(Ref. I) Em “Contributos para a identificação e caracterização da Paisagem em Portugal Continental”, define unidades de paisagem como áreas com um padrão específico de diversos factores como a litologia, o relevo, a hidrografia, o clima, os solos, a flora, a fauna, a estrutura ecológica, as expressões da actividade humana e as relações entre todos estes factores, que se repete no seu interior e que as diferencia das paisagens envolventes.



Freguesia de São Martinho das Amoreiras com unidades de paisagem, Ref. I.

As subunidades de paisagem presentes na freguesia de São Martinho das Amoreiras (Ref. I) são as: 115 - Campo de Ourique, 121 - Colinas de Odemira e 122 - Serra do Caldeirão. O mapa abaixo mostra a delimitação da freguesia de São Martinho das Amoreiras e a tracejado os limites das unidades de paisagem referidas.

Unidade de paisagem 115 - Campos de Ourique, Almodôvar e Mértola:

Esta unidade de paisagem inclui-se no agrupamento de paisagem apelidado de Baixo Alentejo. O Baixo Alentejo prolonga-se desde a freguesia de São Martinho das Amoreiras até às margens do rio Guadiana evidenciando algumas fortes características comuns em toda esta região. São elas a relativa homogeneidade física, que consiste sobretudo no relevo pouco acidentado em que dominam amplas zonas aplanadas, bem como o clima que é de extremos, com grande amplitudes térmicas entre o dia e a noite e entre o rigor dos invernos e os verões escaldantes. Finalmente, a malha da paisagem em toda esta região é no geral muito larga, historicamente assente na organização agrária romana, onde a grande propriedade suportou a cultura dos cereais.

A dinâmica social é marcada fortemente pela relação difícil entre proprietários e assalariados



rurais e pela distribuição dos rendimentos, muito relacionada com a capacidade produtiva da terra e com o processo de ocupação do território ao longo do tempo.

O que exprime o carácter do Alentejo em geral e do Baixo Alentejo em particular, «(...) é a sua incapacidade para sustentar outra coisa que não culturas extensivas e com rendimentos reduzidos, a predominância do povoamento concentrado, a constituição de poderes terra-tenentes de tal modo distantes da população dependente, que nenhuma comunicação existe entre esta e aqueles, o que obriga a desenvolver uma maneira de ser muito própria, em que aliam formas de enorme resistência e de grande passividade. (Mattoso et al., 1997) (Ref. I).

As paisagens desta unidade são caracterizadas por um relevo ligeiramente ondulado cortado por vales encaixados e por um coberto arbóreo em que domina a azinheira com densidades variáveis e usos do subcoberto muito extensivos. No sector oeste nota-se uma ligeira amenidade no clima devido à influência oceânica, testemunhada pela presença de montados mistos de sobre e azinho o que justifica a delimitação da unidade 115a.

(Ref. I) Durante o século XX estas paisagens “sofrem intensas degradações em consequência de usos demasiado intensivos relativos às condições edáficas - a expansão desordenada dos sistemas cerealíferos e, por vezes, o sobre-pastoreio, levaram à destruição de matas, de montados e de matos, à degradação do solo e do sistema hídrico, a uma forte redução da biodiversidade”.

Unidade de paisagem 121 - Colinas de Odemira:

Esta unidade de paisagem está agrupada (Ref. I) nas Serras do Algarve e Litoral Alentejano formando um conjunto de paisagens com relevos muito movimentados, com solos xistosos e uma densa rede hidrográfica.

Nas colinas de Odemira a presença humana sempre escassa tem vindo a diminuir, fenómeno associado à pobreza do solo, aos declives elevados e às plantações povoamentos florestais de eucaliptos. Os aglomerados populacionais são poucos e de reduzida dimensão, encontrando-se construções isoladas, abandonadas e em ruínas. A vila de Odemira constitui um elemento socio-económico unificador no limite desta paisagem.

Nas zonas onde o declive é menos acentuado encontram-se manchas de culturas cerealíferas ou pastagens. Encontram-se clareiras muito desprotegidas da erosão e propriedades agrícolas abandonadas. Por outro lado, surgem em vertentes mais húmidas e amenas populações de *Quercus faginea* (carvalho cerquinho) com fetos cobrindo o solo.

É patente um marcado desequilíbrio funcional e ecológico que resultou da florestação maciça com o eucalipto, nas últimas décadas. Os erros cometidos pela instalação destes povoamentos e sua posterior gestão contribuíram para agravar os processos de degradação do solo (litossolos já antes afectados por uma forte erosão decorrente da cultura de cereais), degradação do ciclo hidrológico e perda de biodiversidade (Ref. I).

Unidade de paisagem 122 - Serra do Caldeirão:

Esta vasta unidade corresponde a paisagens agrestes de movimentado relevo e com reduzida densidade populacional. Encontram-se vastas matas, montados e matos. Esta serra diferencia-se da serra de Monchique por ser mais seca, mais isolada e mais depovoada. Já no início dos anos 50 do século XX Gomes Ferreira (1953) afirmava que esta região era um peso morto exceptuando a extracção da cortiça e a produção do medronho.

Localmente é apelidada de Serra de Odemira e animada na primavera pela floração do tojo e da esteva. As linhas de água afluentes do rio Mira apresentam galerias ripícolas bem constituídas com freixos salgueiros e silvas.

Nas zonas que não foram degradadas pela plantação de eucaliptos ou pinhais podem-se encontrar montados densos, sendo que nas vertentes mais húmidas e amenas ou em vales mais declivosos e esquecidos se podem encontrar florestas de sobreiro quase reliquiais.

Montados de *Quercus* spp. de folha perene - habitat 6310:

Mosaico de pastagens naturais perenes sob coberto variável, pouco denso, de sobreiros (*Quercus suber*) ou/ e azinheiras (*Q. rotundifolia*), associado a um sistema de pastorícia extensiva por ovinos e por vezes incluindo parcialmente sistemas de agricultura arvense extensiva em rotações longas. São dominadas por herbáceas bianuais ou anuais.

Mosaico de pastagens naturais perenes sob coberto variável, pouco denso, de sobreiros (*Quercus suber*) ou/ e azinheiras (*Q. rotundifolia*), associado a um sistema de pastorícia extensiva por ovinos e por vezes incluindo parcialmente sistemas de agricultura arvense extensiva em rotações longas. São dominadas por herbáceas bianuais ou anuais.

Num montado típico, a regeneração das árvores encontra-se muito deprimida ou mesmo inexistente por efeito do uso pastoril (agrícola) do sob-coberto, que impede o sucesso das plântulas de sobreiro ou azinheira. Outros usos do solo no sistema de montado tenderam a aumentar após a década de 50 do século XX, com a mecanização da agricultura. Nomeadamente, o sistema de rotação em folhas, de culturas arvenses ou forrageiras tornou-se mais importante em área e em ciclos mais curtos.

Os sistemas de agricultura, incluindo as culturas (cereais, forragens, girassol, etc.) e ainda “pastagens” anuais sub-nitrófilas subsequentes ao ano da cultura, persistiram no sob-coberto associadas às árvores. Estes últimos sistemas não são, por definição, verdadeiros “montados” no sentido dado ao habitat neste texto, mas sim pomares de sobreiro ou azinheira com culturas agrícolas. No entanto, como apresentam a potencialidade de reconversão, num sentido lato podem ser considerados “montados potenciais”, que podem ser recuperados, quer no sentido da pastagem, quer no sentido florestal por adensamento, ou da evolução natural da vegetação.

Muitos montados não são sistemas ecologicamente sustentáveis, na ausência de gestão. A persistência da pastagem depende do sistema

agropastoril respectivo e a componente arbórea de acções de silvicultura que garantam a regeneração da componente arbórea do sistema, que geralmente não é suficiente para garantir a perpetuidade da componente arbórea.

O Instituto de Conservação da Natureza (ICN) refere ainda alguns dos serviços prestados por estes habitats: retenção do solo; regulação do ciclo da água; Refúgio de biodiversidade; produção de alimento (consumo animal e humano); informação estética; informação espiritual e histórica; educação e ciência.

Florestas de *Quercus suber* - habitat 9330:

Bosques de copado cerrado, dominados por *Quercus suber*, por vezes co-dominados por outras árvores; com estratos lianóide, arbustivo latifoliado/espinhoso e herbáceo vivaz ombrófilo bem desenvolvidos e com intervenção humana reduzida ou nula sob coberto.

Os bosques de sobreiro podem ser estremos ou mistos, podendo estar presentes no estrato arbóreo, numa proporção de coberto menor que 50%, outras árvores, definindo diversas variantes do habitat. As principais árvores, com significado biogeográfico e de conservação relevantes são: *Quercus faginea* subsp. *broteroi*, *Q. faginea* subsp. *faginea*, *Q. canariensis*, *Q. robur*, *Q. pyrenaica*, *Q. rotundifolia*, *Q. coccifera* subsp. *rivasmartinezii*, e ainda nototaxa como: *Q. x marianica* (*Q. faginea* subsp. *broteroi* x *Q. canariensis*), *Q. x coutinhoi* (*Q. faginea* subsp. *broteroi* x *Q. robur*), *Q. x neomarei* (= *Q. x andegavensis* = *Q. x pyrenaica* x *Q. robur*),

Q x mixta (Q. suber x Q. rotundifolia). Podem estar presentes outras árvores como, por exemplo, *Juniperus oxycedrus* subsp. *lagunae*, *Olea europaea* subsp. *Sylvestris*, *Ceratonia siliqua*, *Fraxinus angustifolia*, *Pyrus cordata*, *Pyrus bourgaeana*, *Celtis australis*, *Pinus pinaster* subsp. *atlantica*, *Arbutus unedo*, *Erica arborea*.

Estes bosques conformam um micro-clima florestal sombrio e produzem folhada que origina horizontes orgânicos do tipo mull florestal. As orlas arbustivas naturais destes bosques (matagais) são extremamente diversificadas e são normalmente matagais/medronhais/carrascais, etc. (i.e. habitats 5230 e 5330). São particularmente frequentes, no entanto, os medronhais (combinações de *Arbutus unedo*, *Erica arborea* e *Laurus nobilis* - habitat 5310). Estas orlas garantem a protecção/integridade do bosque. Deve ser considerados bem conservados os bosquetes associados à orla de matagal respectiva.

Os bosques de *Quercus suber* estão representados, grosso modo, em todo o território de Portugal continental. Desde o Neolítico que estes bosques são objecto de arroteamento para fins agrícolas, pastoris, caça, fonte de cortiça e combustível. Na maior parte da área potencial, os sobreirais prístinos foram sendo transformados numa estrutura agro-silvo-pastoril, dominada por árvores pouco densas e com o subbosque subordinado ao uso agrícola ou pastagem extensiva, i.e. em montados (habitat 6310). Apesar de existirem maciços arbóreos mais densos, os bosquetes climácicos bem conservados de sobreiro são extremamente raros. Como tal têm um enorme valor de conservação.

O ICN lembra ainda alguns dos serviços prestados por estes habitats: Sequestração de CO₂; Regulação do ciclo da água; Fornecimento de água; Retenção do solo; Formação do solo; Regulação do ciclo de nutrientes; Refúgio de biodiversidade; Informação estética; Informação espiritual e histórica; Educação e ciência.





VIVER NA ALDEIA DAS AMOREIRAS DE 2006 A 2011 (integração e descoberta)

Viver na Aldeia permitiu a alguns dos membros desta equipa criar laços fortes de amizade com os habitantes da Aldeia e conhecer de perto as dinâmicas de encontro, socialização, decisão de negócios, protecção da comunidade, ritmos de vida e de trabalho, vocabulário local, códigos de representação, respeito e honra, valores associados ao modo de vida e a noção da boa-vida, aquilo que une as pessoas que vivem numa aldeia, o estar com amigos, com família, a comer, berber, cantar, pescar, caçar, cozinhar, conversar, combinar, trabalhar, organizar, comunicar.

No âmbito do Centro de Convergência um dos membros da equipe reside na Aldeia desde 2006, outro membro da equipe vive na Aldeia desde final 2010 e os restantes membros tiveram oportunidade de estar na Aldeia e muitos momentos chave, conhecer e conversar mas também com profundidade discutir com os membros do Centro de Convergência os códigos e fenómenos da Aldeia traduzidos para a linguagem da análise e observação cuidada.

Acima de tudo, o viver na Aldeia permitiu estabelecer uma relação de confiança com toda a comunidade que permitiu convidar e envolver toda a população nas actividades de participação, documentários vídeo, etc, com uma facilidade que seria impossível a quem entrasse numa

aldeia pela primeira vez sem ser conhecido e ter um forte relacionamento e ponto de contacto disponível para integrar todo o trabalho do projecto Aldeia das Amoreiras Sustentável entre 2010 e 2011.

ALDEIA DE SONHO: VISÃO DA Aldeia das Amoreiras

Quais são os problemas da aldeia? Como resolvê-los? Tentar criar uma aldeia sustentável a partir dos problemas pode originar a sensação de que os problemas são muitos e profundos e não temos os meios para os resolver. Adicionalmente não gera um caminho e um objectivo sistémico a atingir para o todo. Apenas resolução das partes e eventualmente remédios para os sintomas sem integrar as causas.

Por outro lado, se começarmos por criar uma visão daquilo que queremos e sonhamos temos uma grande vantagem que é começar inspirados e motivados para seguir o caminho. Adicionalmente, juntamos todos os sonhos na criação de uma visão colectiva para aquilo que deve ser a nossa aldeia e continuamente podemos voltar ao sonho para nos inspirarmos para construir um presente com futuro.

Neste sentido perguntámos à população da Aldeia: Qual é o seu sonho para a Aldeia das Amoreiras? Como é a sua Aldeia de Sonho?

SESSÕES DE PARTICIPAÇÃO: A ALDEIA DE SONHO

Em Maio e Junho de 2010 o Centro de Convergência realizou sessões de participação nas 7 zonas da Aldeia da Amoreiras (6 zonas do aglomerado rural mais os montes) para conhecer os sonhos da Aldeia.

Os principais Sonhos da Aldeia são:

Aldeia Bonita Limpa e Arranjada; Alegria, Paz Amor e Tudo de Bom!; Melhor Tratamento do Lixo; Dar-mo-nos todos bem e organizarmo-nos; Mais população; Emprego; Espaços e Actividades para Crianças; Melhoramento das Estradas; Mercaria; Mais cuidado da Aldeia pelo Governo; Médico e Enfermeiro; Centro de Dia para os Idosos; Casa Mortuária; Estação de Tratamento de Esgotos; entre outros.

O processo de recolher os sonhos em reuniões com lanche e processo de participação pela arte com desenhos, fotografias, objectos, exposição e apresentação dos sonhos em documentário de vídeo, permitiu enquadrar os sonhos emocionalmente na vida das pessoas da Aldeia e entender qual a importância que cada um dos sonhos e a sua realização tem para a população. Esta actividade foi coordenada por Sara Serrão e André Vizinho e documentada em vídeo por Sebastian Rost.



INQUÉRITOS AOS HABITANTES DA ALDEIA

Em Agosto de 2010 organizaram-se inquéritos à população da Aldeia das Amoreiras e montes em volta para caracterizar a Aldeia com a informação necessária para poder desenvolver a Aldeia numa perspectiva de sustentabilidade forte (permanente) e estudar e desenvolver opções e soluções para os sonhos da Aldeia das Amoreiras.

Adicionalmente, a informação disponível nestes inquéritos consistiu num grande atractivo para vários estudantes de Mestrado e Licenciatura se debruçarem sobre a Aldeia das Amoreiras como caso de estudo uma vez que dispõem de dados para análise e tratamento.

OBJECTIVOS DOS INQUÉRITOS

Os objectivos gerais dos inquéritos são:

1. Conhecer as motivações das pessoas para criar grupos de interesse;
2. Conhecer a estrutura socio-demográfica da população;
3. Conhecer a estrutura e dinâmica económica da população;
4. Conhecer os comportamentos ambientais da população;
5. Conhecer as necessidades de formação e disponibilidade de formadores.

Estes objectivos gerais concretizam-se nos seguintes objectivos específicos de informação:

1. Conhecer as motivações das pessoas para criar grupos de interesse:

- Conhecer os sonhos que motivam e interessam mais as pessoas para criar grupos de trabalho para os tornar realidade.

2. Conhecer a estrutura socio-demográfica da população:

- Caracterização sócio-demográfica da população;
- Conhecer as principais necessidades de saúde da população para procurar quais as soluções e apoios prioritários: formação para a prevenção, enfermagem, fisioterapia, médico clínica geral,

médicos especialistas, farmácia, massagem, terapêuticas naturais, medicinas alternativas, apoio às deslocações, apoio à compra dos medicamentos, outras.

3. Conhecer a estrutura e dinâmica económica da população:

- Conhecer a situação face ao trabalho, a satisfação face ao emprego e a satisfação face à remuneração recebida;
- Conhecer qual é o uso do tempo semanal da população para identificar a importância aos trabalhos não remunerados e integração vertical (dos factores) da produção local e ainda a disponibilidade para a mudança;
- Obter um mapa com a informação das casas desabitadas com informação sobre a sua disponibilidade e proprietários para possibilitar uma análise das oportunidades e o contacto entre interessados em compra/aluguer e proprietários;
- Conhecer as necessidades de casas da parte da população residente;
- Conhecer a procura e oferta de Produtos, Produtos transformados e Serviços (para encontrar oportunidades e sugerir estratégias de negócio formal ou informal).

METODOLOGIA

4. Conhecer os comportamentos ambientais da população:

- Gestão doméstica e agrícola da água (casa);
- Produção e destino dado ao lixo (pegada ecológica)(casa);
- Utilização de químicos e pesticidas na agricultura(casa);
- Mobilidade (pegada ecológica)(casa);
- Gestão da energia em casa (pegada ecológica)(casa);
- Utilização consumo de OGMs organismos geneticamente modificados(casa);
- Alimentação (pegada ecológica).

5. Conhecer as necessidades de formação e disponibilidade de formadores:

- Saber quais as necessidade de formação da população da Aldeia para promover o emprego e a boa gestão dos recursos disponíveis;
- Conhecer os potenciais formadores de conhecimentos específicos e/ou tradicionais existentes na Aldeia para organizar trocas de conhecimento e formações.

Os objectivos descritos foram definidos de forma participada envolvendo para tal a equipa qualificada do Centro de Convergência e da PermaD, tendo sido também consultados os membros activos do GAIA noutros núcleos e as organizações parceiras TAIPA, Comissão de Melhoramentos da Aldeia das Amoreiras, Junta de Freguesia de São Martinho das Amoreiras e um perito na realização da análise social-multicritério (Gualter Barbas Baptista).

Foram elaborados dois formulários de inquéritos, um para aplicar a todas as pessoas com mais de 12 anos e um para aplicar a cada casa. O inquérito da casa foi agregado ao inquérito de pessoa e foi aplicado a um representante de cada casa da Aldeia, para um bom encadeamento das perguntas e respostas. O desenho do inquérito foi coordenado por Beatriz Martinez (socióloga) e André Vizinho.

A aplicação dos inquéritos foi realizada com o apoio de 24 voluntários qualificados, entre os quais três membros da PermaD, durante duas semanas, em Agosto de 2010, em regime de residência na Aldeia das Amoreiras. Cada inquérito teve o tempo médio de uma hora de aplicação a cada pessoa e uma hora e meia o inquérito pessoa + casa.

O tratamento estatístico e apresentação gráfica dos resultados dos inquéritos foi elaborada em excel e powerpoint, (respectivamente) por Beatriz Martinez e apresentada à população da Aldeia das Amoreiras.

RESULTADOS

A informação resultante dos inquéritos produziu vários resultados entre s quais destacamos:

- A informação das pessoas da Aldeia interessadas em ajudar a tornar realidade cada Sonho da Aldeia, formando assim potenciais grupos de trabalho;
- A apresentação gráfica dos resultados principais em público para a Aldeia, em documento consultável no Centro Social da Aldeia das Amoreiras e online em www.aldeiasustentavel.net;
- Uma folha de cálculo com toda a informação filtrada pronta a ser consultada para análise detalhada sobre questões específicas, sempre que necessário para o desenvolvimento deste plano ou para projectos de investigação de estudantes, investigadores ou entidades interessadas em apoiar o desenvolvimento sustentável na Aldeia das Amoreiras. Disponível a pedido.

A aplicação dos inquéritos em si teve também um resultado palpável de animação na Aldeia, pela presença dos voluntários na Aldeia durante duas semanas, que gerou consumo na economia local mas acima de tudo gerou amizades, aumentou a proximidade de várias pessoas com a Aldeia que entretanto têm apoiado e participado em mais actividades e teve ainda como resultado uma nova família ter vindo morar para a Aldeia das Amoreiras (uma das voluntárias depois de visitar a Aldeia decidiu mudar-se com a sua família).

A apresentação gráfica dos resultados dos inquéritos anexa-se a este documento.

Esta informação foi utilizada para as análises de seguida apresentadas onde se podem encontrar alguns resultados em síntese, nomeadamente na análise FOFA (SWOT).

Qual é o seu sonho para a Aldeia...?



Qual é a sua Aldeia de Sonho?



Inquéritos: Qual é o seu sonho para a Aldeia?... ou Qual é a sua Aldeia de Sonho?

ANÁLISE

INTRODUÇÃO

Em Permacultura utilizam-se todas as ferramentas de análise necessárias à compreensão do comportamento do sistema em causa. Para tal analisamos os elementos e sectores que compõem o sistema, as relações entre eles e o comportamento enquanto sistema.

Identificamos os limites do sistema e analisamos a relação deste com o meio envolvente. O objectivo é o de encontrar os elementos que saem do sistema como desperdício ou sem serem valorizados e aí encontrar recursos e oportunidades. Partir dos recursos naturais como estratégia para satisfazer as necessidades da população antes de procurar soluções tecnológicas que impliquem um maior gasto de energia. A análise detalhada é essencial para conhecer a fundo o sistema mas sabemos também que com o conhecimento existente conseguem-se produzir muitos resultados numa fase de *brainstorm* inicial.

O desafio é o de conseguir priorizar soluções integradas que sejam aplicáveis ao contexto do local, do tempo actual e das pessoas em causa, para atingir um futuro permanente, resiliente e com o mínimo de manutenção.



RECOMENDAÇÕES A PARTIR DO ESTUDO DA PAISAGEM

(Ref. II) Em Três paisagens e uma freguesia - O caso de estudo de São Martinho das Amoreiras dissera sobre como deverá ser feita a gestão territorial da freguesia de São Martinho das Amoreiras, uma vez que na área da freguesia existe uma variedade de usos do solo diferentes, de recursos diferentes, de necessidades diferentes associada à habitação e trabalho em paisagens diferentes dentro de uma mesma unidade de gestão, a freguesia:

Assumindo as limitações e competências que são atribuídas às freguesias sobre este domínio, caberá à freguesia de São Martinho das Amoreiras constituir-se como um espaço aberto de comunicação com a comunidade local sobre gestão das suas paisagens, permitindo a acomodação das diferentes formas de estar que se encontram no seio desta divisão administrativa devido à presença de três tipos de paisagens diferentes, paisagens naturais e culturais com motivações diferentes.

As recomendações para a gestão do território feitas (Ref. I) e pelo Plano Sectorial da Rede Natural 2000 enquadrado nos habitats de Floresta de Sobreiros e Montados de *Quercus* spp., presentes na área em estudo apontam no mesmo sentido. Ambos recomendam a preservação e valorização dos habitats

naturais sempre que eles se revistam de um valor específico resultante de um equilíbrio ecológico com diversidade vegetal e animal, prestando importantes serviços ecológicos ao território.

Na prática, são sugeridas, por estes autores bem como por (Ref. III) acções como a gestão cuidada das zonas ripícolas, das cumeadas dos montes e das zonas com declives acentuados. Nestas áreas em particular, bem como em todo o território em geral, deve ser dada atenção aos importantes serviços de protecção e produção prestados pelas florestas. Deve ser valorizada a protecção oferecida pela floresta pelo combate à erosão do solos através da regeneração da floresta com espécies autóctones reduzindo até um máximo de 15% a quantidade de espécies exógenas como o eucalipto. Deve ser valorizado e promovido crescimento do sub-bosque associado às florestas de sobreiros e aos montados como forma de melhoramento e protecção dos solos e simultaneamente como forma de maximizar a função produtiva da floresta.

De facto, é através do aproveitamento multifuncional da floresta que se tornará possível sobreviver nesta região de solos erodidos e esqueléticos, conseguindo assim valores acrescentados através da sua exploração para madeira, biomassa, aguardente de medronho,

pastagens, turismo, educação e ciência, recreação, produção de água, agricultura, protecção ao fogo, entre outros. (Ref. II) A Aldeia das Amoreiras, os montes e o seu território envolta situa-se nesta freguesia nesta fronteira entre estas três paisagens, encontrando-se estes tipos e usos solo, relevo, etc. descritos acima e como tal as recomendações feitas por D'Abreu (et al) devem ser tomadas em atenção com a mesma relevância.

A VISÃO DAS ASSOCIAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO LOCAL

Incluiu-se na observação a informação recolhida (Ref. IV), no âmbito de um estudo de mestrado em Economia Regional e Desenvolvimento Local para a Universidade do Algarve, sobre a visão das associações de desenvolvimento local com intervenção na freguesia de São Martinho da Amoreiras, nomeadamente:

Associação de Desenvolvimento de Amoreiras-Gare, Associação de Caçadores da Freguesia de São Martinho das Amoreiras, ADL - Associação de Desenvolvimento do Litoral Alentejano, ES-DIME- Agência para o desenvolvimento local do Alentejo Sudoeste, GAIA-Alentejo, INDA-Intercooperação e desenvolvimento, Matriz adl, TAIPA - Organização Cooperativa para o Desenv. Integrado do Concelho de Odemira.

Este estudo, disponível online em www.centrodeconvergencia.org, discute os resultados de um inquérito aplicado às associações acima com o objectivo de analisar o entendimento dos técnicos relativamente ao desenvolvimento rural e local para a freguesia de São Martinho das Amoreiras e especificamente às seguintes questões:

- Objectivo 1: Quais os sectores mais importantes para o desenvolvimento do concelho e freguesia?
- Objectivo 2: Qual a importância da agricultura para o desenvolvimento do concelho e freguesia?
- Objectivo 3: Qual a importância dos centros

urbanos para o desenvolvimento do concelho e freguesia?

- Objectivo 4: Qual o papel dos diferentes stakeholders no desenvolvimento do concelho e freguesia?
- Objectivo 5: Que estratégia de participação pública utilizar para o desenvolvimento do concelho e freguesia?
- Objectivo 6: Como deve ser gerido o território tendo em vista o desenvolvimento do concelho e freguesia?
- Objectivo 7: Quais são os recursos endógenos mais importantes para o desenvolvimento do concelho e freguesia?
- Objectivo 8: Qual a importância relativa das políticas europeias para o desenvolvimento do concelho e freguesia?
- Objectivo 9: Que nível de sustentabilidade se deve procurar atingir no concelho e freguesia?
- Objectivo 10: Como lidar com a Baixa Densidade populacional?
- Objectivo 11: Qual a posição das ADL perante o trabalho da Administração Local?

Esta informação é relevante para a análise do potencial de cooperação e integração destas entidades nas soluções para os sonhos necessidades da Aldeia das Amoreiras.

Como síntese apresentamos algumas das conclusões finais dos resultados deste estudo.

Com base na análise dos questionários efectuados aos técnicos das associações de desenvolvimento local (ADLs) com intervenção na freguesia de São Martinho das Amoreiras, concelho de Odemira, conclui-se que os técnicos em média consideram que:

- A Baixa densidade populacional é compatível com desenvolvimento local;
- Os Agentes Locais e o Estado e destes a Administração Local e as ADLs são os agentes com maior influência no desenvolvimento (não foram estudadas as empresas);
- As prioridades da Administração Local são erradas e/ou pouco conhecidas e a relação entre a Administração Local e as ADLs é pouco saudável e transparente;
- A estratégia de desenvolvimento deve ser sectorial embora direccionada para o desenvolvimento endógeno e só depois para a eficiência económica;
- Os níveis de sustentabilidade ambiental a seguir não são consensuais;

- A Agricultura e Floresta têm uma função muito importante para o desenvolvimento e são fortemente condicionadas pelos apoios comunitários (Política Agrícola Comum - PAC);
- O Turismo e Lazer é o sector com maior importância para o desenvolvimento;
- O recurso endógeno mais importante é o Capital Humano seguido pelos Patrimónios Natural e Cultural.

A análise e interpretação dos questionários sugere que o Turismo e Lazer deve explorar o Património Natural e Cultural, fazendo uso do Capital Humano que o permite explorar com valor acrescentado, identidade e responsabilidade. Esta abordagem vai ao encontro da ambição de uma estratégia de desenvolvimento sectorial que permita aumentar a eficiência económica mas tendo em atenção em primeiro lugar o desenvolvimento endógeno (Ref. IV).

Os níveis de sustentabilidade ambiental ambicionados pelos técnicos não são consensuais o que sugere potenciais conflitos sociais sempre que haja necessidade de escolher entre várias opções e estratégias de desenvolvimento. Os técnicos das ADLs desejam por outro lado que a abordagem para a definição das estratégias e objectivos de desenvolvimento se faça de baixo para cima o que é positivo na medida em que reflecte uma

motivação para a participação que é essencial para a resolução de potenciais conflitos locais (Ref. IV).

Em resumo, o Turismo e Lazer bem como a Agricultura são considerados os sectores mais importantes para o desenvolvimento pelo que importa estudar e investigar as melhores estratégias para os maximizar e valorizar. Cada um destes sectores está condicionado por factores distintos. Os técnicos, neste questionário, realçaram o factor Capital Humano e as condicionantes Políticas externas (PAC), respectivamente. Todo o trabalho feito em torno do desenvolvimento deve ser feito o mais possível em conjunto com os diversos agentes do território por forma a envolvê-los na implementação das estratégias definidas para o desenvolvimento (Ref. IV).



ANÁLISE FOFA

A Análise FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas, Ameaças), em inglês SWOT (Strengths, Weaknesses, Opportunities, Threats) consiste em identificar as Forças e as Fraquezas internas da Aldeia e as Oportunidades e Ameaças exteriores à Aldeia, que é o sistema em causa. Identificar estas características e factores separadamente permite usar um processo rápido em que não se misturam os pontos positivos com os negativos e se permite ter um pensamento paralelo.

Posteriormente à identificação destes factores a estratégia consiste em encontrar soluções que maximizem as forças e as oportunidades e minimizem as fraquezas e o risco das ameaças.

Optámos por fazer uma análise FOFA apenas com tópicos para leitura rápida, mas detalhada nos factores PESTE (Políticos, Económicos, Sociais, Tecnológicos, Ecológicos).



FORÇAS

Políticas e legais	CMAA, GAIA, Junta e CMO.
	A maior parte da população tem Soberania (propriedade) sobre as terras e casas.
	Existem 1 membros da aldeia com cargo na junta e 2 na assembleia de freguesia.
	Membros da aldeia, não residentes, trabalham na cidade com profissões ligadas a instituições públicas.
	A administração local municipal tem cada vez mais responsabilidades que lhe são delegadas pela administração central, o que permite uma maior proximidade na gestão e entendimento das prioridades das populações.
Económicas	Existem produtos na Aldeia de grande qualidade e também de grande inovação:
	PRODUTOS DA ALDEIA
	Mel , Aguardente de Medronho, Queijo de Cabra fresco e curado, Vinho, Azeitona, Gado ovino, caprino e suíno, Hortícolas e frutas, Lenha de azinho e sobro, Árvores de fruto para venda, Produção de cortiça, Produção de carvão, Artesanato (artigos de cortiça, panos, bordados, moinhos de vento), Construção de moinhos de vento (com diferentes tamanhos) decorativos e para produção de farinha, Farinha de trigo e milho (moída em moinho de vento), Marionetas, Fornos Solares, Casas de Banho Ecológicas (WCECO), Livro “os Frescos da Aldeia das Amoreiras”, DVD com 6 filmes sobre a Aldeia das Amoreiras (“Aldeia de Sonho” parte 1 e 2, “Mestre da Cortiça”, “Dia da Caição”, “Como fazer CAL”, “Alface”), publicação a “Fauna e a Aldeia das Amoreiras”, publicação a “Flora dos vales do início da Serra do Caldeirão”.
	SERVIÇOS DA ALDEIA
	Existência de profissionais especialistas na tiragem de cortiça, (oportunidade de criar formação e empregos...), Construção civil, serviços agrícolas e florestais (podas, colheitas, limpezas florestais, plantações), Aluguer de máquinas agrícolas, Café, Restaurante e bar, Carpintaria, Venda de rações animais, Produtos agrícolas, Gás.
	Construção de barragens e swales.
	Serviços do Centro de Convergência (consultoria permacultura, Envio de voluntários SVE, Aluguer de casas de banho ecológicas, Construção de casas ecológicas e/ou com métodos tradicionais, Design de Permacultura para quintas, Aulas de Português para Estrangeiros, Aluguer de BTT, Internet wi-fi Grátis, Biblioteca grátis, Fotocópias, Fax e serviços vários de escritório, Apoio escolar e actividades extracurriculares, Consultas de enfermagem gratuitas no primeiro sábado de cada mês, Creche / babysitting.
	Aulas de ioga, aulas de piano, visitas guiadas e passeios pedestres, dias de convergência.
	Serviços ao domicílio do LAR de São Martinho à Aldeia das Amoreiras: refeições, limpeza. Vendedores ambulantes rua-a-rua de mercearias, pão, peixe e roupas.

FORÇAS

Sociais	Existência de 12 crianças até aos 12 anos
	Existe uma identidade forte, com espírito de local e de pertença.
	Existem tradições e modos de estar vivos. Memória colectiva.
	Experiência dos mais idosos.
	Espaços físicos de encontro.
	Experiência do centro de convergência.
	Experiência do projecto Aldeia das Amoreiras Sustentável.
	Vivência genuína de aldeia.
	92% da população estão satisfeitos com o seu trabalho.
	Só 4% da população da Aldeia pretende mudar-se para uma localidade maior e está à espera de uma oportunidade!
Tecnológicas	Existe internet sem fios na aldeia e boa cobertura da rede de telemóveis TMN.
	Existe internet sem fios gratuita no centro de convergência.
	Existem computadores portáteis na população devido aos programas de apoio para estudantes e Novas Oportunidades.
	Existe na aldeia um conhecimento guardado nos velhos das tecnologias antigas de trabalho da terra, de construção de ferramentas, carroças, ofícios, etc.
Ecológicas	A Aldeia das Amoreiras, enquanto aglomerado rural está integrada num meio ambiente natural que permite à sua população produzir os bens necessários à sua sobrevivência.
	Vales férteis com água subterrânea todo o ano, floresta densa de sobreiro e medronheiro e elevada biodiversidade faunística, florística e de fungos.
	Existência de espécies de elevado potencial cinegético como javali, joelho, perdiz.
	Localização na fronteira entre paisagem de serra e planície.
	Proximidade com o litoral e os seus recursos ecológicos e paisagísticos.

FRAQUEZAS

Políticas e Legais	Algumas terras não têm soberania (propriedade) da população local (são de pessoas de fora).
	As leis são elaboradas fora da Aldeia e os impostos são geridos a nível nacional muito longe da aldeia e da região, gerando uma aplicação dos dinheiros publicos pouco participada e por vezes enviezada face às necessidades da população.
	A Junta de freguesia tem cada vez menos recursos.
	A tendência política para centralizar os serviços públicos nas zonas urbanas com maior densidade populacional tem diminuído o acesso aos serviços públicos na aldeia e região, nomeadamente a escola primária da aldeia ou o serviço de médico em São Martinho das Amoreiras.
Económicas	Existe 45% da população reformada, 8% desempregada, 3% estudante, 3% doméstica o que resulta em que cerca de 60% da população é dependente do trabalho de 40%, que constitui a população activa. Isto significa que deve aumentar o numero pessoas activas a residir na Aldeia.
	Existem apenas duas ou três pessoas que trabalham a tempo inteiro na Aldeia das Amoreiras.
	Não existe na Aldeia oferta de produtos e serviços suficientes para suprir as necessidades e interesses da população pelo que 90% do dinheiro que entra na Aldeia sai sem circular.
	A produção local quando existe tem uma escala de produção muito reduzida e pouco investimento associado o que torna os custos de produção elevados e a exportação para outras regiões ou nações difícil devido ao factor preço e à baixa quantidade de produção.
	8% da população está descontente com o seu trabalho e 43% da população está descontente com o seu salário.
Sociais	Existe 4% da população que gostaria de mudar-se para uma localidade maior.
	Existem 53% da população com 4 ou menos anos de escolaridade, dos quais 23% são analfabetos.
	Apenas 6% da população é licenciada.
Ecológicas	Existência de largas áreas de plantações de monocultura de eucalipto em zonas declivosas (REN) com solos pobres.
	Existência de solos xistosos, esqueléticos e erodidos em largas áreas com declive significativo e utilizadas tradicionalmente para produção de cereal de inverno de sequeiro.

AMEAÇAS

Políticas e Legais	A situação de crise económica despoletou historicamente movimentos nacionalistas que geram conflitos internos e externos, terminando por vezes em conflitos armados e guerras. Este risco existe se a situação de crise e desemprego aumentar drasticamente.
	A União Europeia vive um momento de transformação devido à crise das dívidas soberanas e do Euro, o que pode gerar grande instabilidade nos mercados de importação e exportação.
Económicas	A crise económica, estimulada pelos limites impostos aos défices nacionais e causada pela subida das matérias-primas, nomeadamente o petróleo. Em conjunto com a desmaterialização financeira que surgiu aquando da crise imobiliária nos Estados Unidos da América, tem implicações profundas e imprevisíveis na economia mundial, que será sentida fortemente em todos os mercados de importação-exportação e logo em todos os países, regiões e comunidades inseridas em zonas de mercado livre, como é o caso de Portugal e da Aldeia das Amoreiras.
	A dependência, hoje existente, das trocas com o exterior representam uma fragilidade da soberania e sobrevivência de todas as regiões que não produzem os bens básicos à sua sobrevivência.
	Colapso do sistema de segurança social / financeiro.
	Menos cuidado da Aldeia pelo governo.
	Escassez do petróleo e aumento dos custos das matérias-primas e combustíveis.
	Aumento dos gastos da alimentação e fármacos.
	Aumentos dos gastos de fertilizantes e pesticidas.
	Aumento do desemprego.
Sociais	O pico do petróleo irá aumentar progressivamente os preços do petróleo e consequentemente o preços dos produtos alimentares. Tal facto pode gerar uma crise alimentar nas cidades que pode originar pessoas a procurar/comprar/roubar alimento na aldeia. Este fenómeno pode originar um êxodo descontrolado do urbano para o rural.
	O colapso do sistema de segurança social pode por outro lado originar um êxodo das populações rurais para as cidades em busca dos cuidados básicos de saúde, educação, etc. Pode assim surgir um efeito de despovoamento ainda maior.
	Face ao grande impacto destas variáveis incertas é impossível prever se o movimento de população vai ser mais no sentido da cidade ou no sentido rural. Pode até ser que se complementem, gerando um movimento das pessoas mais pobres para as zonas rurais e das pessoas mais qualificadas para trabalhar na cidade, um movimento inverso.
Tecnológicas	A utilização das tecnologias actuais dependentes de energia produzida centralmente pode estar em risco face ao aumento da procura de energia nas regiões mais povoadas e face ao decréscimo da extracção do petróleo, previsto para os tempos que correm. Tal significa que os custos de energia irão aumentar e consequentemente a utilização de maquinaria a combustíveis fósseis tornar-se-á menos viável economicamente, em particular na agricultura familiar, em que os custos marginais de produção são sempre maiores.

AMEAÇAS

Ecológicas	Alterações climáticas previstas: aumento dos períodos de secas e das inundações e tempestades; diminuição da previsibilidade dos fenómenos climáticos associados às 4 estações do ano.
	Aumento da escassez de água na região.
	Aumento da erosão dos solos devido aos períodos de pluviosidade intensa.
	Perda da produtividade dos solos nas zonas declivosas sem coberto e sub-coberto vegetal.
	O aumento da imprevisibilidade dos fenómenos climatéricos irá causar maiores perdas agrícolas.
	As chuvas ácidas causadas pelas indústrias da zona industrial de Sines ameaçam os sobreiros, as superfícies de água, a acidificação dos solos, geram perda de produtividade agrícola e ameaçam a sobrevivência da milenar utilização sustentável e multifuncional do montado de sobre e azinho.

OPORTUNIDADES

Políticas e Legais	A crise das dívidas soberanas e o neoliberalismo crescente nas políticas nacionais e comunitárias pode gerar um processo de descentralização da administração pública para o nível local e regional, permitindo aproximar o poder dos cidadãos, desde que o poder e a administração local não fique serva do poder económico.
	A perda de capacidade de administração local em responder às necessidades da população pode também gerar uma maior necessidade de cooperação na comunidade, que pode ser uma oportunidade para gerar um processo participativo de base, que origine um crescimento da cultura política da população e constitua a base para uma organização mais participada da sociedade e da administração da rés-pública.
Económicas	O aumento do preço dos alimentos produzidos com muita energia fóssil, associada à produção e transporte gera uma oportunidade de voltar a tornar-se viável a produção local, quer agrícola, quer de outros produtos e serviços locais e/ou regionais.
	O possível movimento de pessoas das zonas urbanas para as zonas rurais, devido à crise económica pode gerar uma oportunidade para aumentar a oferta de alojamento na Aldeia.
Sociais	O movimento de pessoas para a Aldeia pode gerar aumento de população esperado pela população actual e aumentar toda a dinâmica social.
Tecnológicas	O pico do petróleo e as alterações climáticas geram incentivos financeiros e conjunturais para o investimento nas tecnologias de produção de energias renováveis, para construir estruturas para reter e armazenar água da chuva, para solucionar o bombeamento de águas de poços sem combustível, para produzir estrume e fertilizantes de menor custo, tratar as águas residuais com plantas, em suma, utilizar os recursos naturais para satisfazer as necessidades humanas e reintroduzir e valorizar os desperdícios no ciclo natural em vez de utilizar tecnologia que funciona apenas com base em energias fósseis que estavam fora dos ciclos de nutrientes e energia que geraram o equilíbrio existente actualmente no Planeta Terra.

OPORTUNIDADES

Ecológicas

A oportunidade associada aos ecossistemas é o facto de muitas das paisagens não estarem ainda completamente destruídas e existir ainda uma fraca biodiversidade, apesar dos fortes impactes que têm sido causados. A biodiversidade, o clima solarengo, os recursos naturais, o céu estrelado, todos podem ser valorizados para um desenvolvimento assente no relacionamento em proximidade com a natureza.

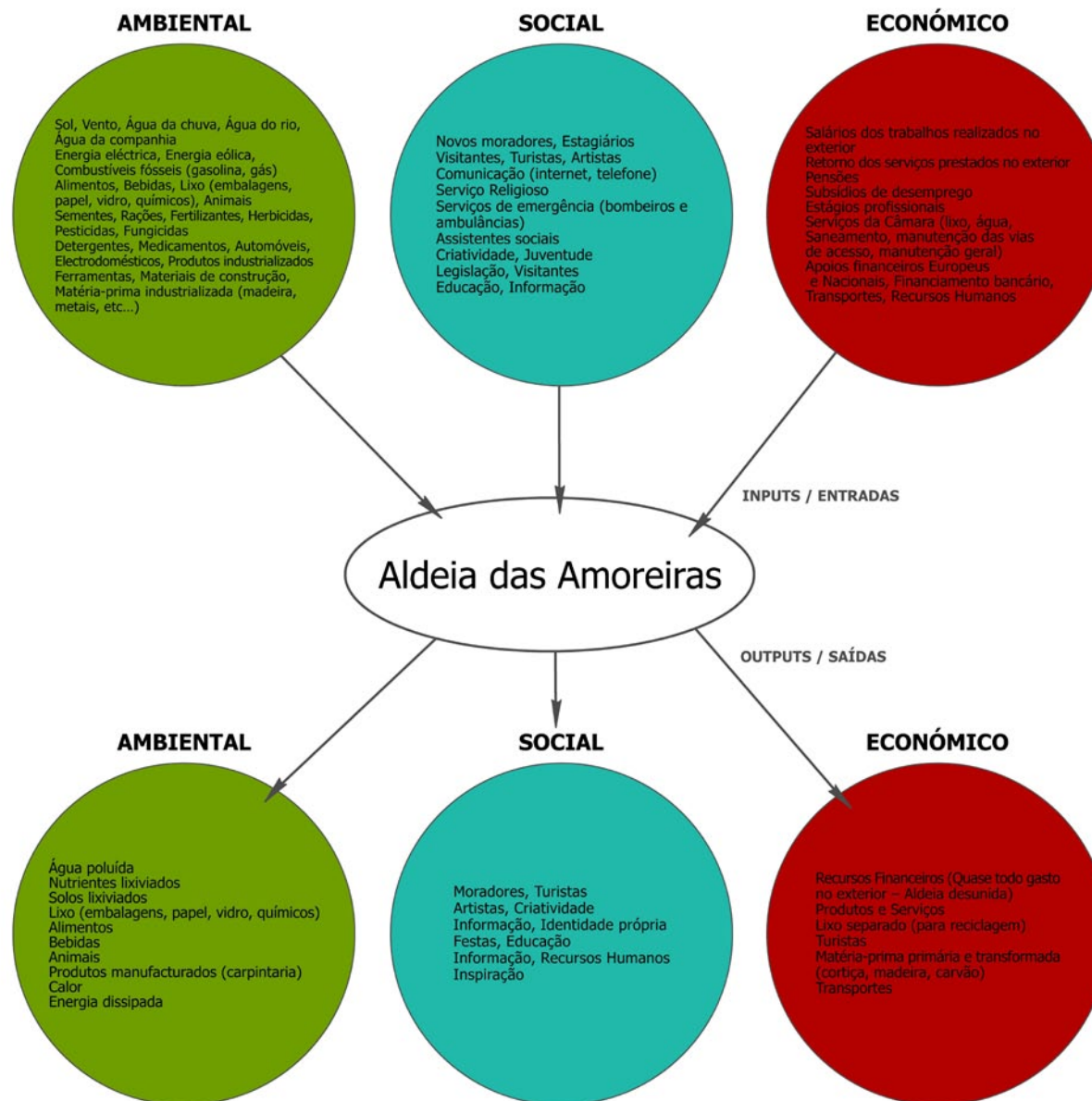


ANÁLISE DE INPUTS E OUTPUTS

A análise *input-output* permite identificar qualitativamente quais são os elementos, materiais, energia, bens que entram na Aldeia das Amoreiras e quais são os que a Aldeia produz, exporta ou expela como desperdício.

Nota explicativa: *Inputs* são as matérias-primas, bens ou serviços necessários importar de fora da Aldeia e *Outputs* são as matérias-primas, desperdícios, poluição, bens ou serviços produzidos pela Aldeia, ou seja tudo o que sai da Aldeia.

Prioritariamente o que importa sublinhar como resultado desta análise são os *inputs* que se poderiam produzir na Aldeia e os *outputs* que são expelidos sem serem valorizados. Eliminar tanto uns como os outros permite aumentar a sustentabilidade, produtividade, eficiência e estabilidade do sistema Aldeia das Amoreiras.



Análise de Inputs e Outputs na Aldeia das Amoreiras.

INPUTS adquiridos com dinheiro que poderiam ser produzidos na aldeia:

Colocamos primeiro os que têm investimentos menores e em ultimo os que têm maiores investimentos.

1. Detergentes (podem ser produzidos artesanalmente);
2. Pesticidas (podem ser produzidos com extratos de plantas);
3. Comida (pode produzir-se mais comida e alimentos);
4. Formação (podem organizar-se formações de vários temas na aldeia);
5. Cimento (pode utilizar-se em alternativa a terra / barro / taipa / tabique / madeira);
6. Madeira (podem utilizar-se madeiras produzidas localmente. falta serração);
7. Gás (pode produzir-se biogás ou aquecer água com energia solar ou de compostagem);
8. Electricidade (pode ser produzida com sol, vento, água, biogás e biomassa).

Se todos ou grande parte destes INPUTS forem produzidos na Aldeia das Amoreiras, o que é possível, o dinheiro gasto para os comprar irá circular dentro da Aldeia, remunerando o trabalho de potencialmente várias pessoas na Aldeia.

Para tal ser possível é necessário investimento nomeadamente para produzir electricidade, madeira e biogás. As restantes entradas podem ser feitas com menores investimentos, ou pelo menos de retorno mais curto.

OUTPUTS não valorizados ou subvalorizados:

Colocamos primeiro os mais fácil de resolver.

1. Desempregados e Reformados / mão de obra (podem ser valorizados trabalhando na fabricação dos inputs necessários);
2. Dinheiro utilizado para consumir produtos no exterior (pode ser usado para consumir localmente e circular dando trabalho aos desempregados);
3. Óleos Usados (podem ser transformados em biodiesel para máquinas e automóveis);
4. Energia do sol, vento e água (pode produzir energia);
5. Água poluída que sai da fossa (pode ser tratada com e ser utilizada para crescer salgueiros e madeira);
6. Água da chuva não colectada (pode servir para hortas);
7. Informação /conhecimento da população do património local natural, histórico, cultural (pode ser valorizado através de cursos ou turismo);
8. Informação /conhecimento da população sobre as práticas agrícolas e de exploração dos recursos naturais (pode ser valorizado através de cursos ou turismo);
9. Biodiversidade (pode dar mais produtos naturais para uso humano, ajudar a regular as pragas, ser valorizada pelo turismo e melhorar qualidade de vida);
10. Dinheiro colocado em poupança (pode ser investido localmente em vez de na bolsa pelos bancos).

Esta lista de *inputs* e *outputs* não é exaustiva mas mostra como tanto uns como outros podem ser transformados em produtos ou serviços que alimentem a economia da aldeia ao mesmo que tempo que diminuem a poluição e diminuem a necessidade de importação de materiais com os transportes e impacto ambiental e económico associado.

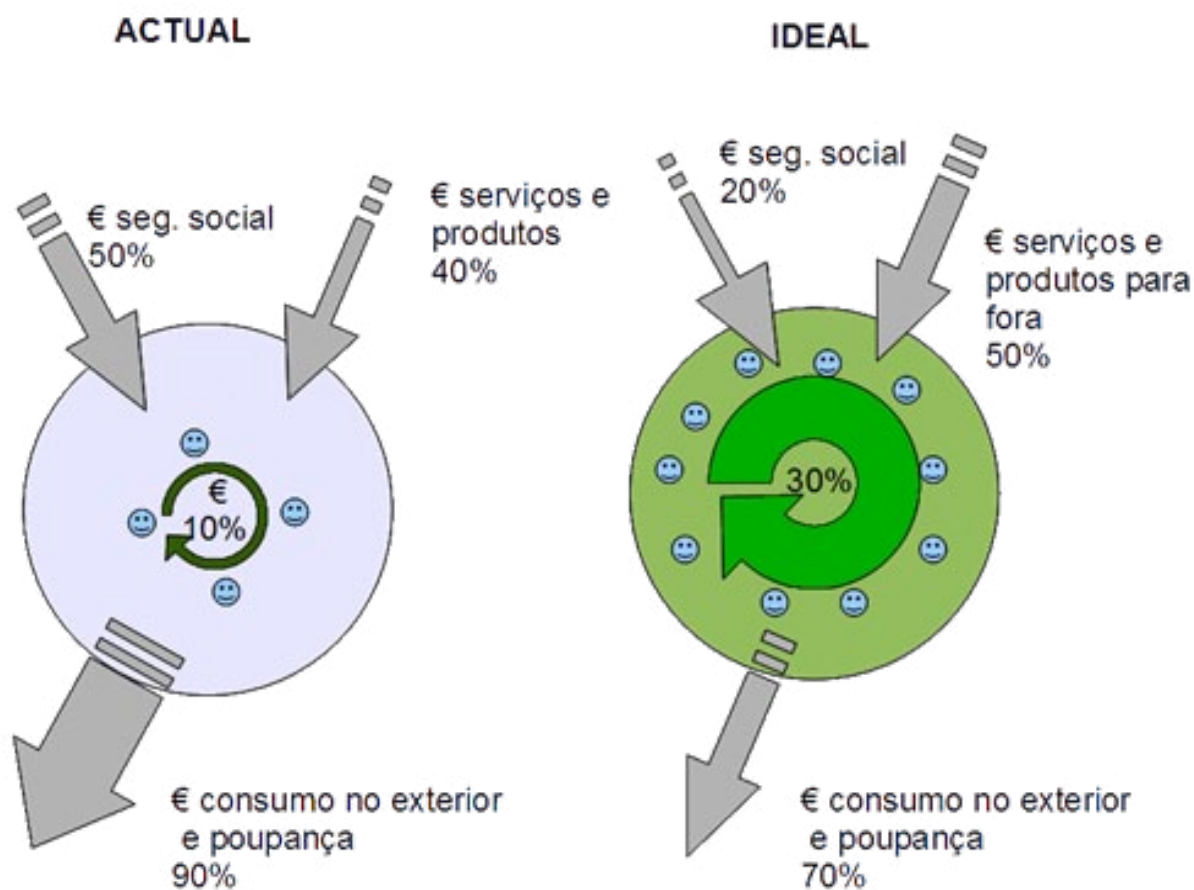
ANÁLISE DOS FLUXOS

A análise do fluxo económico actual na Aldeia das Amoreiras foi efectuada com base numa estimativa grosseira dos rendimentos da população, face ao rendimento que as poucas pessoas da Aldeia de dentro da aldeia através da venda de produtos ou serviços para consumo na Aldeia.

Actualmente existem menos de meia dúzia de pessoas (3 a 4% da população) que obtém a maior parte do seu rendimento apenas da Aldeia o que ilustra que o dinheiro que circula dentro da Aldeia é muito pouco.

Se a população da Aldeia no futuro consumir cerca de 30% dentro da Aldeia em vez dos actuais 10% então esse aumento significará criar rendimento suficiente para 10 a 30 pessoas mais (cerca de 20% da população).

Como exemplo, imagine-se os gastos em alimentação de uma pessoa no valor de 100€ mensais. Se 10 pessoas juntarem o seu gasto mensal em alimentação elas conseguem dar um rendimento mensal a um agricultor que sem grande dificuldade consegue produzir alimento para 10 pessoas.



ANÁLISE DAS FUNÇÕES

Analisaram-se as funções necessárias à sustentabilidade da Aldeia das Amoreiras a partir da sistematização das 9 funções bio-regionais (e dezenas de sub-funções) apresentadas por Bill Mollison no seu livro “Permaculture Designers Manual”.

Identificaram-se mais de uma centena de funções a desempenhar na Aldeia da Amoreiras para satisfazer as necessidades e qualidade de vida dos seus habitantes.

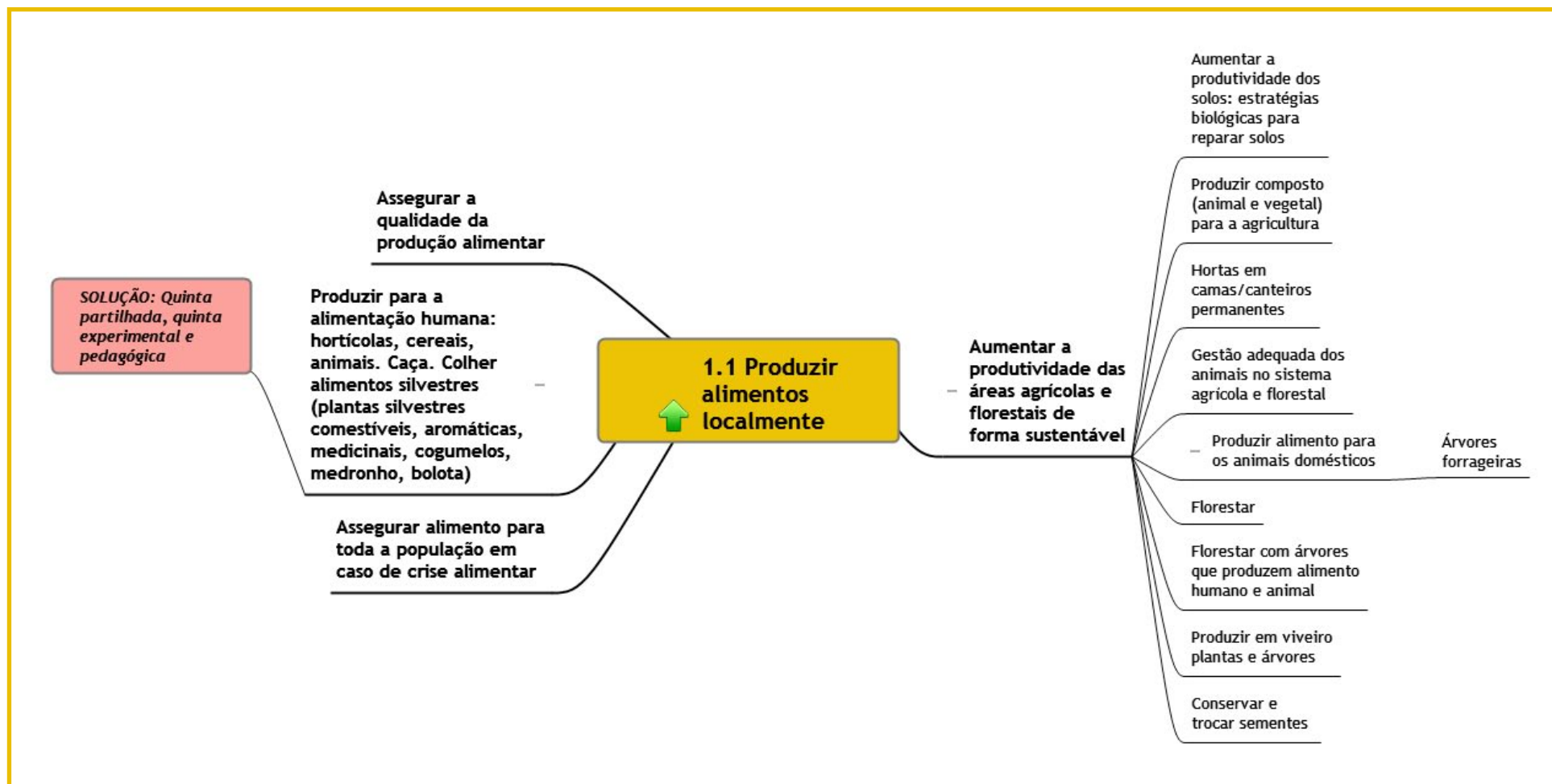
Estas medidas podem ser consultadas no ficheiro pdf “Funções e soluções_sem_funcoes_prioritarias.pdf” (disponível online no site do Centro de Convergência em <http://centrodeconvergencia.wordpress.com/documentos/>).

Posteriormente identificamos aquelas que estão menos asseguradas na Aldeia das Amoreiras. É importante referir que para esta análise incluímos as funções e serviços prestados pelo Centro de Convergência como sendo parte da Aldeia, ou seja uma função bem desempenhada pelo Centro de Convergência deixa de ser uma função prioritária.

Assim, de acordo com a análise FOFA, com a caracterização dos recursos da Aldeia e de acordo com a ética da Permacultura, considerámos como prioritárias as funções assinaladas com uma seta verde no esquema.



FUNÇÕES E SOLUÇÕES PRIORITÁRIAS



Funções e soluções prioritárias.

Guardar as sementes das variedades de plantas locais e tradicionais

1.2 Assegurar a diversidade genética da agricultura e biodiversidade

Impedir a entrada de organismos geneticamente modificados na região

SOLUÇÃO: "Mercearia Social" multi-funcional inserida na cooperativa / associação da aldeia, empregando uma pessoa da aldeia e gerando meios financeiros para financiamentos de projectos da aldeia e da cooperativa/associação (IVA para a aldeia)

- Espaço de Socialização
- Produtos locais
- Produtos não locais normalmente importados
- Artesanato
- Galeria Artística
- Sementes, plantas e árvores
- Entregas ao domicílio
- "Cabaz Amoreiras"
- Centro de informação (oficinas)
- Centro de acolhimento para visitantes turistas
- Centro de telefone e Skype

1.3 escoar produtos locais

SOLUÇÃO: Criar uma instituição para a produção, transformação e venda dos produtos e serviços locais/regionais

Conhecer a legislação sobre a produção alimentar, transformação e venda de produtos alimentares

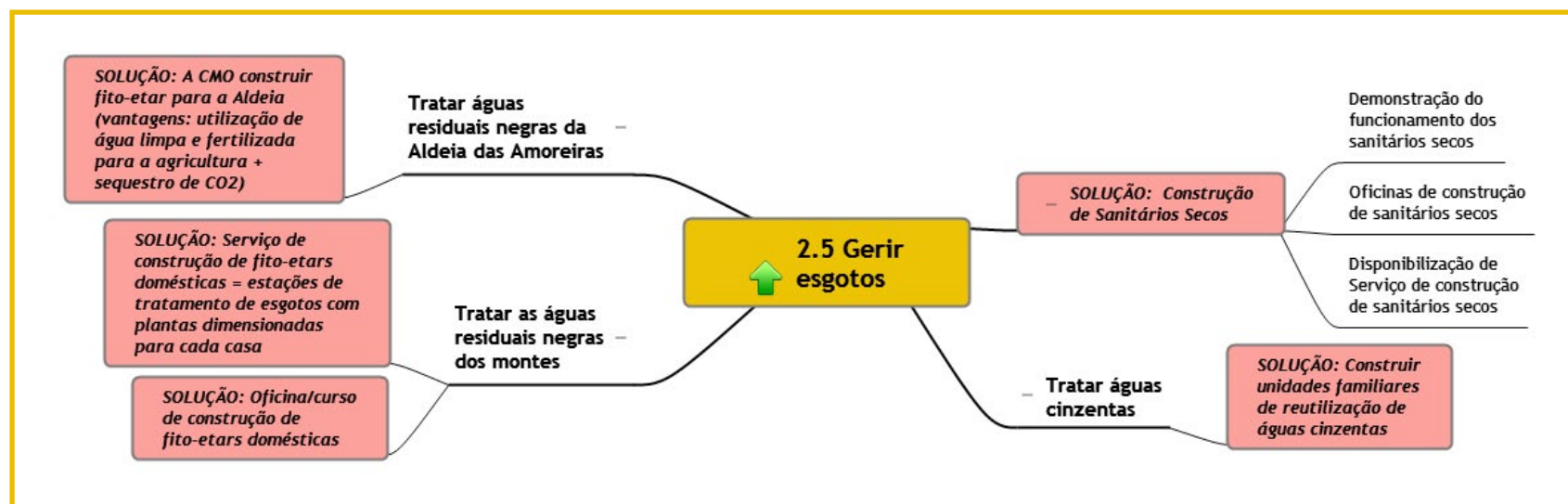
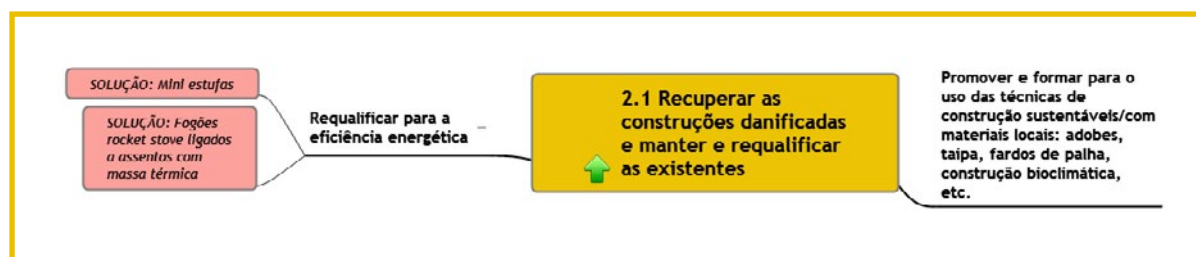
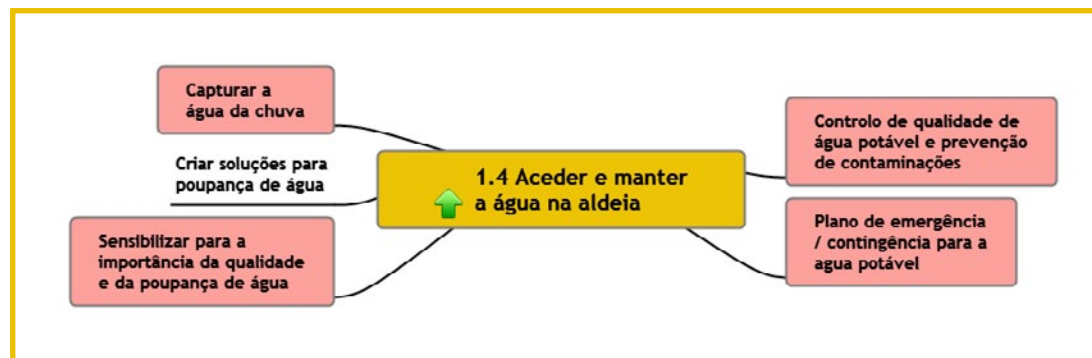
SOLUÇÃO: Fidelizar consumidores e ou instituições de consumidores. Esquema de "Agricultura apoiada pela comunidade"

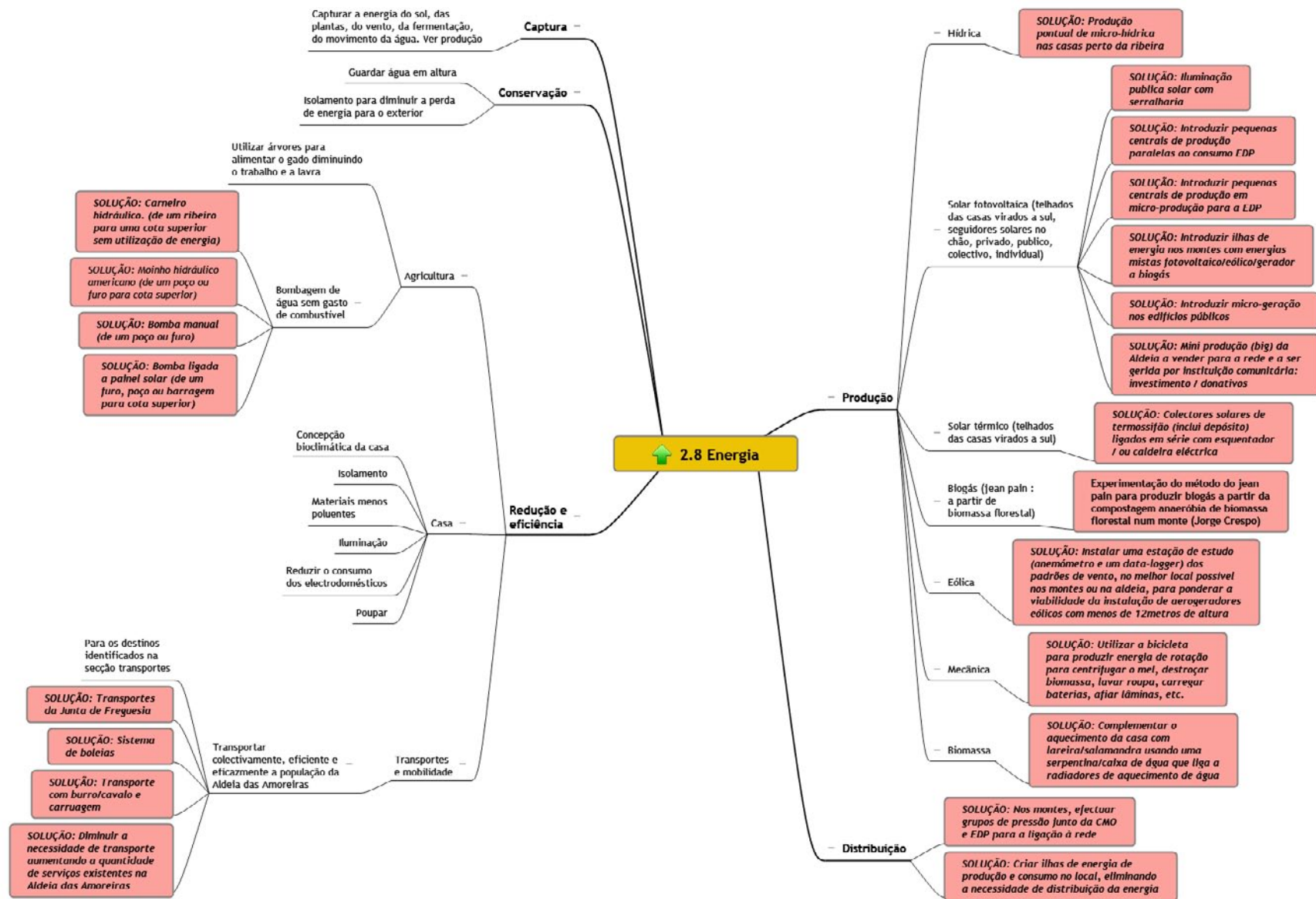
SOLUÇÃO: Fazer as contas sobre a contabilidade, produção agrícola local e escala de produção agrícola

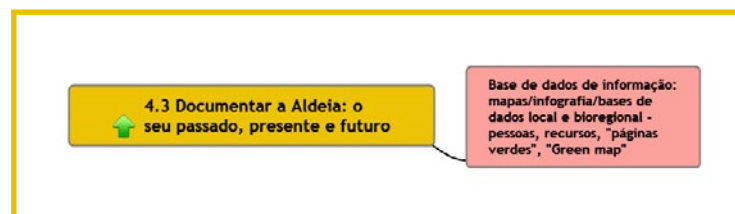
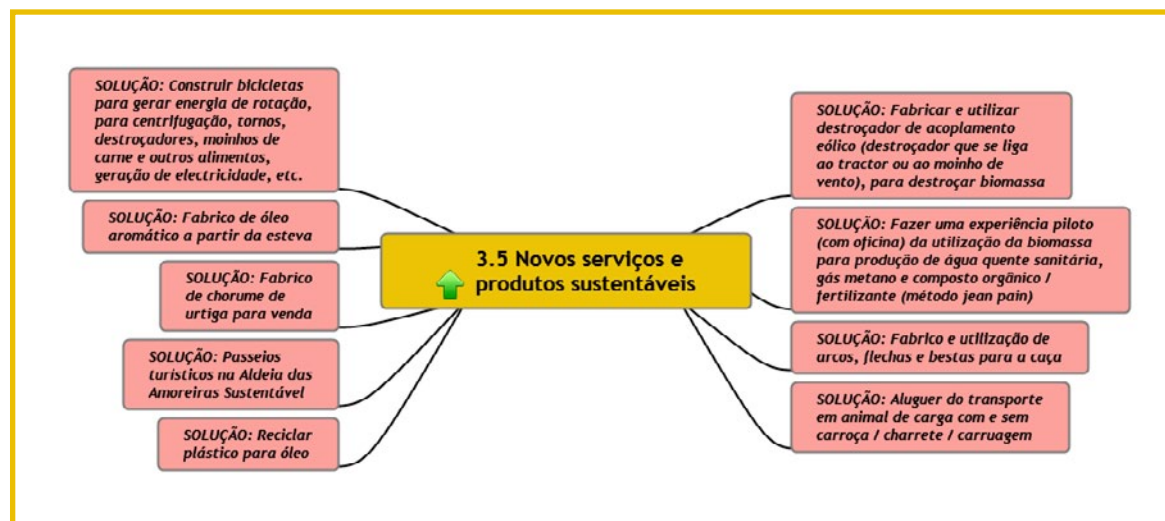
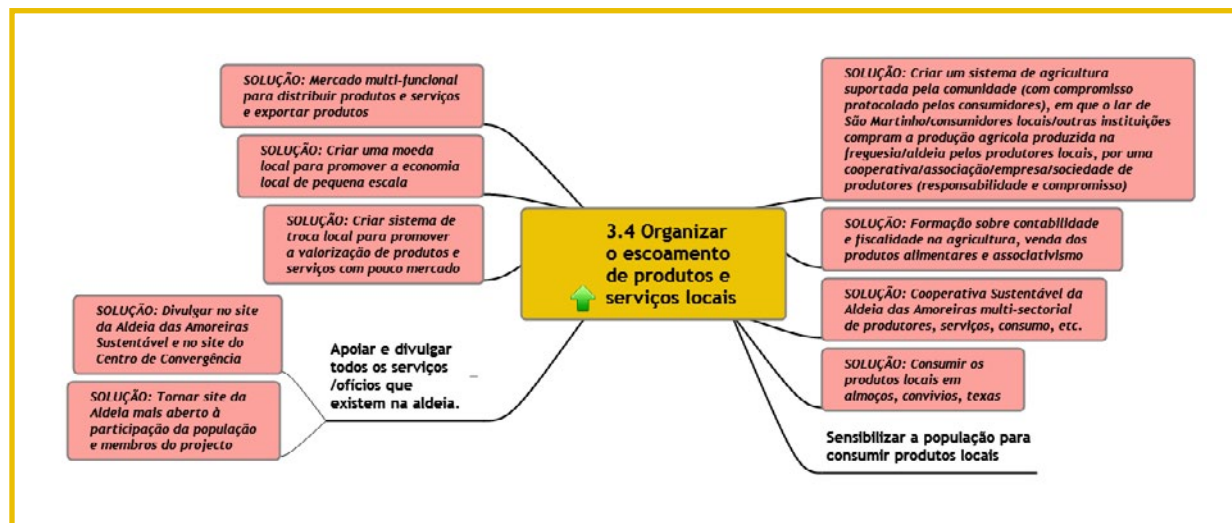
SOLUÇÃO: "Mercado da Aldeia" mensal, multi-funcional

- Com troca de sementes, venda / troca de plantas e árvores e novas espécies
- Oficinas, workshops e formação
- Artesanato com produtos naturais. Venda + oficinas
- Convidar pessoas que valorizam subprodutos naturais para vender no mercado
- Pic-nic / almoço no final do mercado com sopa de produtos doados pelos/comprados aos mercadores
- Painel de ocasião/ trocas/ anúncios/ coisas de destaque na Aldeia e Região
- Espectáculo, música, teatro, marionetas pedagógicas
- Jogos tradicionais
- Formação sobre a legalidade e risco da venda informal

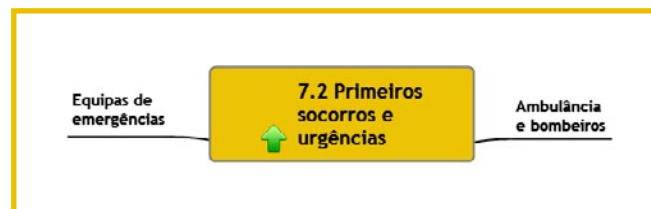
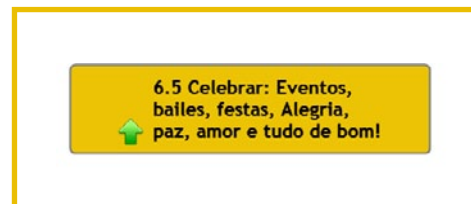
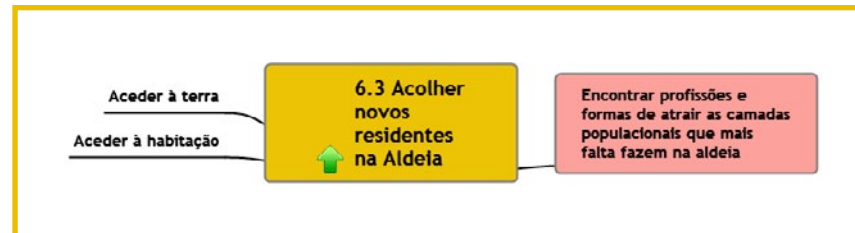
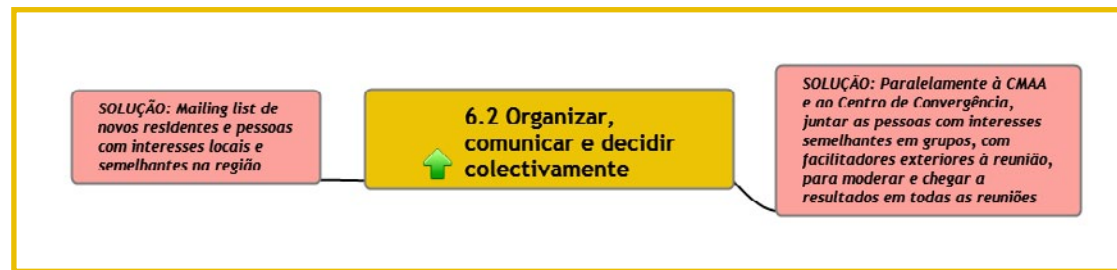
Funções e soluções prioritárias.







Funções e soluções prioritárias.



Funções e soluções prioritárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a Aldeia das Amoreiras tem em comum com as restantes aldeias do interior de Portugal, o facto de sofrer de um abandono da população que migra para as cidades em busca de trabalho. Portugal é um território com muita diversidade de paisagens (128 unidades de paisagem) que potencia uma também uma agricultura diversificada para mercados de qualidade e/ou locais que não se enquadra facilmente no modelo económico vigente das vantagens competitivas em que cada país ou região se dedica a produzir a baixo custo um bem que produz com mais facilidade para ganhar dinheiro para consumir os restantes produtos. Essa estratégia transformou o Alentejo numa região com elevada susceptibilidade à desertificação que impera agora regenerar através de um esforço humano adicional por ter um passado de desenvolvimento insustentável (os recursos deixados para as gerações presentes (por exemplo o solo) são inferiores aos que essas gerações de 1930 herdaram).

A população Aldeia das Amoreiras tem como recursos um imenso conhecimento sobre os recursos naturais locais e tem como lacunas o baixo nível de escolaridade médio que dificulta a relação com um sistema altamente burocrático e complexo em que cada agricultor para conseguir vender um produto de qualidade a um preço justo é quase obrigado a ser gestor, comercial, estratega, designer e ter uma boa rede de contactos com as cidades para a comercialização.

A cultura que sobressai da presença na Aldeia das Amoreiras é uma cultura de trabalho, de respeito pelos valores tradicionais e pelo património cultural e uma cultura de proximidade à natureza. Em paralelo sente-se a ponte com a cultura televisiva, escolar e do entretenimento que aporta novos valores e comportamentos à juventude, nomeadamente o desejo de se afastar dos trabalhos rurais.

A análise desta observação sugere diferentes estratégias para lidar com a realidade de um povoamento rural situado entre o montado e a serra, mas com ligação à internet e à cultura urbana que sugere novas vontades e ideias (por vezes desadequadas) de que é uma boa vida.





A cultura que sobressai da presença na Aldeia das Amoreiras é uma cultura de trabalho, de respeito pelos valores tradicionais e pelo património cultural e uma cultura de proximidade à natureza. Em paralelo sente-se a ponte com a cultura televisiva, escolar e do entretenimento que aporta novos valores e comportamentos à juventude, nomeadamente o desejo de se afastar dos trabalhos rurais.

A análise desta observação sugere diferentes estratégias para lidar com a realidade de um povoamento rural situado entre o montado e a serra, mas com ligação à internet e à cultura urbana que sugere novas vontades e ideias (por vezes desadequadas) de que é uma boa vida.

A estratégia de sucesso (maximizar as forças e oportunidade e diminuir as fraquezas e ameaças) para o desenvolvimento sustentável da Aldeia das Amoreiras aponta para uma visão de cooperação comunitária e inter-familiar neste povoamento rural com vista à:

- Valorização de alguns dos produtos existentes de elevada qualidade (leite e queijo de cabra, borregos, cabritos, porco-preto, mel, medronho) para o mercado regional;
- Preservação da extracção da cortiça, com formação para conseguir mais mão de obra jovem e preservação das boas práticas de gestão para o mercado nacional e internacional;
- Aumento da apanha dos cogumelos para o mercado nacional e internacional;

- Aproveitamento do potencial de inovação de produtos e serviços decorrente da existência de um elevado número de novos rurais portugueses e estrangeiros na região;

- Aproveitamento do mercado local através das redes de parceiros locais e também do aumento da motivação dos consumidores para comprar local e de qualidade;

- Aumento dos serviços locais e nas aldeias mais próximas para possibilitar que os habitantes da Aldeia possam fazer circular e multiplicar o seu dinheiro na região, criando para tal uma cultura de comunidade unida através de sensibilização e incentivos à circulação do dinheiro na região (como uma moeda local, por exemplo).

A sustentabilidade da Aldeia das Amoreiras só pode ser vista quando enquadrando o território em volta, o que significa os montes e as propriedades em volta mas também as aldeias e vilas vizinhas, uma vez que a os ideais de boa vida da nossa época não são compatíveis com o viver apenas daquilo que se produz na Aldeia. Os recursos da Aldeia das Amoreiras e dos montes em volta devem assegurar a sobrevivência da sua população e a cooperação com as aldeias, vilas e municípios e regiões vizinhas devem assegurar um aumento da qualidade de vida através da troca comercial (ou outra) de produtos e serviços de segunda, terceira ou quarta necessidade.

PROPOSTA



VISÃO PERMA D PARA A ALDEIA DAS AMOREIRAS

“NÓS, NA ALDEIA DAS AMOREIRAS, ASSUMIMOS A RESPONSABILIDADE PELA PERMANÊNCIA DA NOSSA TERRA, PELA REGENERAÇÃO DA NOSSA PAISAGEM, PELA CONCRETIZAÇÃO DOS NOSSOS SONHOS E POR CUIDAR DAS NOSSAS GENTES, COOPERANDO COM A NATUREZA E COM QUEM ESTÁ À NOSSA VOLTA.

CONSTRUÍMOS, HOJE, A FELICIDADE E O SUSTENTO DA NOSSA COMUNIDADE. VALORIZAMOS E PARTILHAMOS A NOSSA EXPERIÊNCIA, CELEBRANDO A VIDA, A AMIZADE E O AMOR.”

PERMA-D, 2010



PERMADNA ESPECTRO DE TRABALHO

Os genes ou DNA do projecto de Permacultura para a Aldeia das Amoreiras Sustentável assenta numa fusão entre os sectores ambiental, económico e social, sabendo que é do bom funcionamento e união da comunidade humana que depende toda esta integração.

Por sua vez, para que a comunidade humana esteja unida e integrada em torno de valores comuns é necessária uma visão colectiva e uma ética colectiva.

À escala de uma aldeia, ter uma visão comum é algo bastante realizável pois é possível juntar toda a gente para sonhar o seu futuro, como foi demonstrado na Aldeia das Amoreiras através do conhecimento dos sonhos individuais para o colectivo. Esta visão tem de se desenvolver ainda mais para que uma união mais forte permita um maior comprometimento em torno de objectivos comuns.

O modelo proposto para a sustentabilidade da Aldeia das Amoreiras consiste numa plena integração dos domínios ecológico, económico e social, tendo como base uma gestão comunitária participada e envolvida que permite responsabilizar e comprometer a população nas soluções adoptadas para cumprir os objectivos e visão comuns, os



PERMADna

sonhos da Aldeia das Amoreiras, que podem ser revistos de tantos em tantos anos. Esta gestão da visão da comunidade depende completamente da capacidade da população de se unir e de continuar a debater no presente e no futuro os seus desejos, os seus valores e as suas soluções.

A visão de sustentabilidade forte para a Aldeia das Amoreiras em **termos económicos** consiste numa comunidade unida que gasta pelo menos 30% do seu orçamento dentro da comunidade. Isto permite fazer circular o dinheiro dentro da comunidade. Para tal é necessário que a comunidade produza os bens e serviços necessários à comunidade.

Em **termos ecológicos**, a visão para uma sustentabilidade forte e para a Aldeia das Amoreiras é a gestão dos seus recursos naturais dentro dos limites da capacidade de carga do seu próprio território. Isto significa que se podem produzir alguns impactos ambientais desde que o ecossistema consiga aceitar e incluir esses desperdícios nos seus ciclos, não gerando nenhuma perda de produtividade no presente ou no futuro.

Em **termos sociais**, a visão para a aplicação de soluções sustentáveis e permanentes passa pela inclusão de todos os agentes no planeamento das estratégias de desenvolvimento do território da Aldeia. Se todos forem incluídos então todas as necessidades serão respeitadas e os princípios de inclusão, equidade, justiça e coesão social serão respeitados.





AS ZONAS DA ALDEIA DAS AMOREIRAS

Em Permacultura utilizamos o sistema de zonas para planear um espaço em que colocamos mais perto de nós os elementos que visitamos mais vezes e colocamos mais longe o que visitamos com menos frequência. Desta forma, colocamos no espaço os elementos tendo em vista o mínimo esforço nas deslocações e no transporte de pessoas e bens entre elementos. Todas estas zonas estão localizadas em pequenas sub-bacias hidrográficas e estão intimamente relacionadas através dos fluxos de água superficiais e subterrâneas imprescindíveis para activar o crescimento da vegetação que está na base da subsistência humana nesta região.

Por outro lado, o intercâmbio entre as zonas é possível através de redes rodoviárias e redes de telecomunicações que facilitam as trocas de materiais e informações.

A localização de cada elemento no sistema permite melhorar as relações entre cada elemento como um rebanho e uma floresta. Para tal é necessário que sejam respeitadas algumas regras de gestão que integram posição relativa de cada elemento no tempo. No caso dos rebanhos, por exemplo, sugerimos que o gado caprino ou ovino ou suíno circule de forma rotativa nas zonas 3 e 4, ou seja, que os animais sejam muitos

num determinado local mas apenas durante um período de tempo muito curto. Desta forma, os animais pisam as ervas e fertilizam o solo ajudando à decomposição destas ervas criando e regenerando solo. Os mesmos animais, nas mesmas zona 3 e 4, podem ter um efeito bastante negativo para a paisagem se forem colocados em cercas durante todo o ano, pois alimentam-se de qualquer planta comestível que nasça, deixando o solo nu, provocando erosão e uma progressiva perda de produtividade da paisagem.

O resultado da localização adequada dos elementos no espaço e no tempo permite assim diminuir drasticamente a erosão, os desperdícios e valorizar muito os recursos naturais indo ao encontro de muitas das necessidades económicas e sociais da população.

Os novos elementos multifuncionais que se criam intencionalmente incentivam o consumo e a valorização dentro do sistema dos vários produtos naturais que são explorados dentro da capacidade de regeneração e carga da paisagem envolvente à Aldeia das Amoreiras.

As funções consideradas prioritárias são as que merecem mais atenção numa fase de transição e como tal os elementos que as suportam devem estar mais perto, principalmente se necessitam de maior manutenção diária ou semanal.

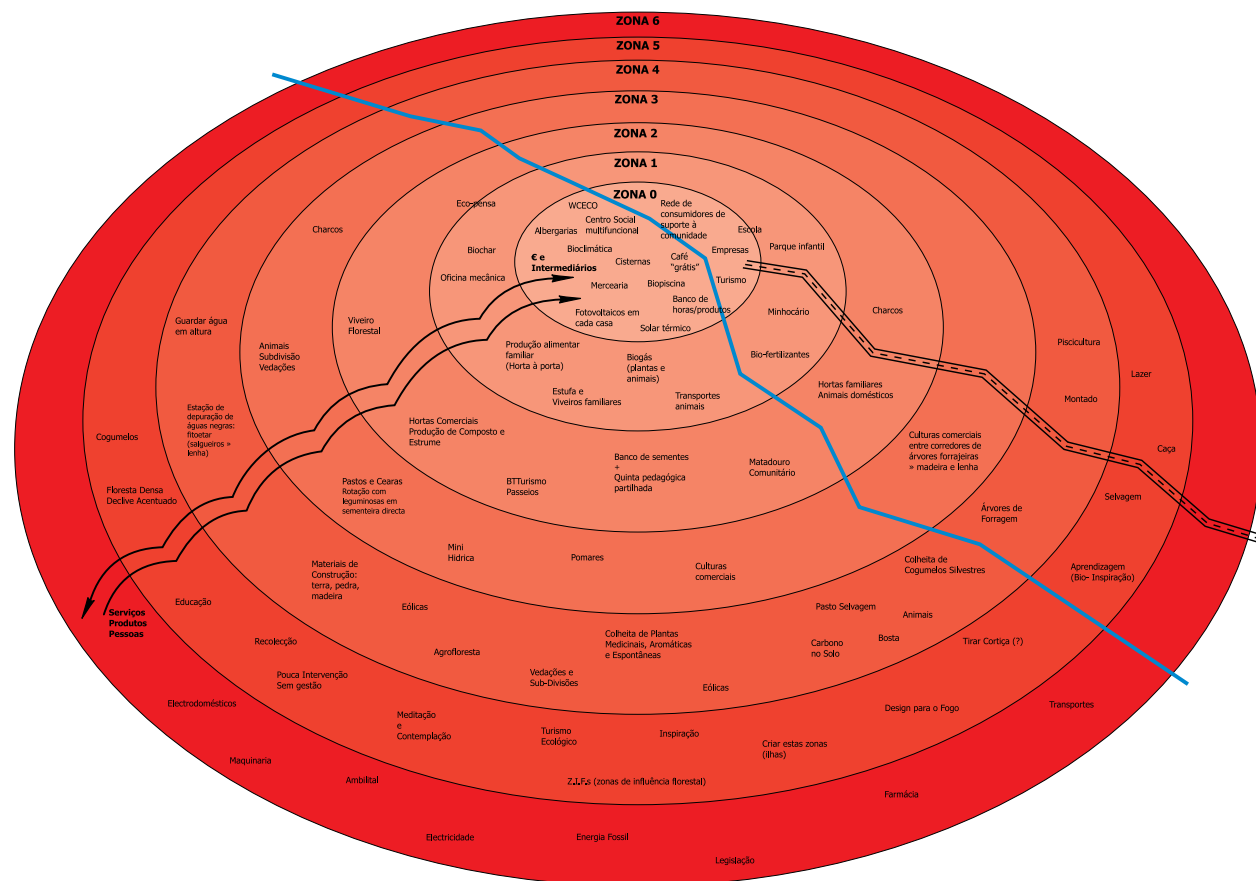


Ilustração 1: Sistema de zonas e elementos sugeridos para a Aldeia das Amoreiras Sustentável.

Zonas são, assim, domínios de actividade agrícola, silvícola, educativa, social e cultural na Aldeia das Amoreiras em que a intervenção humana decorre com diferentes ritmos e frequência.

O primeiro passo para utilizar o sistema de zonas é definir as grandes zonas de 1 a 5 mais uma zona exterior 6 com base neste princípio de frequência. Estas zonas são definidas em termos gerais pela metodologia do Design de Permacultura. Basta-nos assim adaptar esta abordagem ao contexto da Aldeia das Amoreiras

O segundo passo é inserir nas zonas os elementos que consideramos essenciais para atingir os nossos objectivos definidos pela visão.

Estes elementos foram identificados a partir da análise das funções necessárias para a Aldeia (ver Análise das Funções no capítulo diagnóstico)

Por último, identificamos estes elementos e zonas no mapa de acordo com os usos do solo presentes, passados e sectores existentes nomeadamente, relevo, tipos de solo, exposição solar, ventos dominantes, vias e construções existentes, etc.

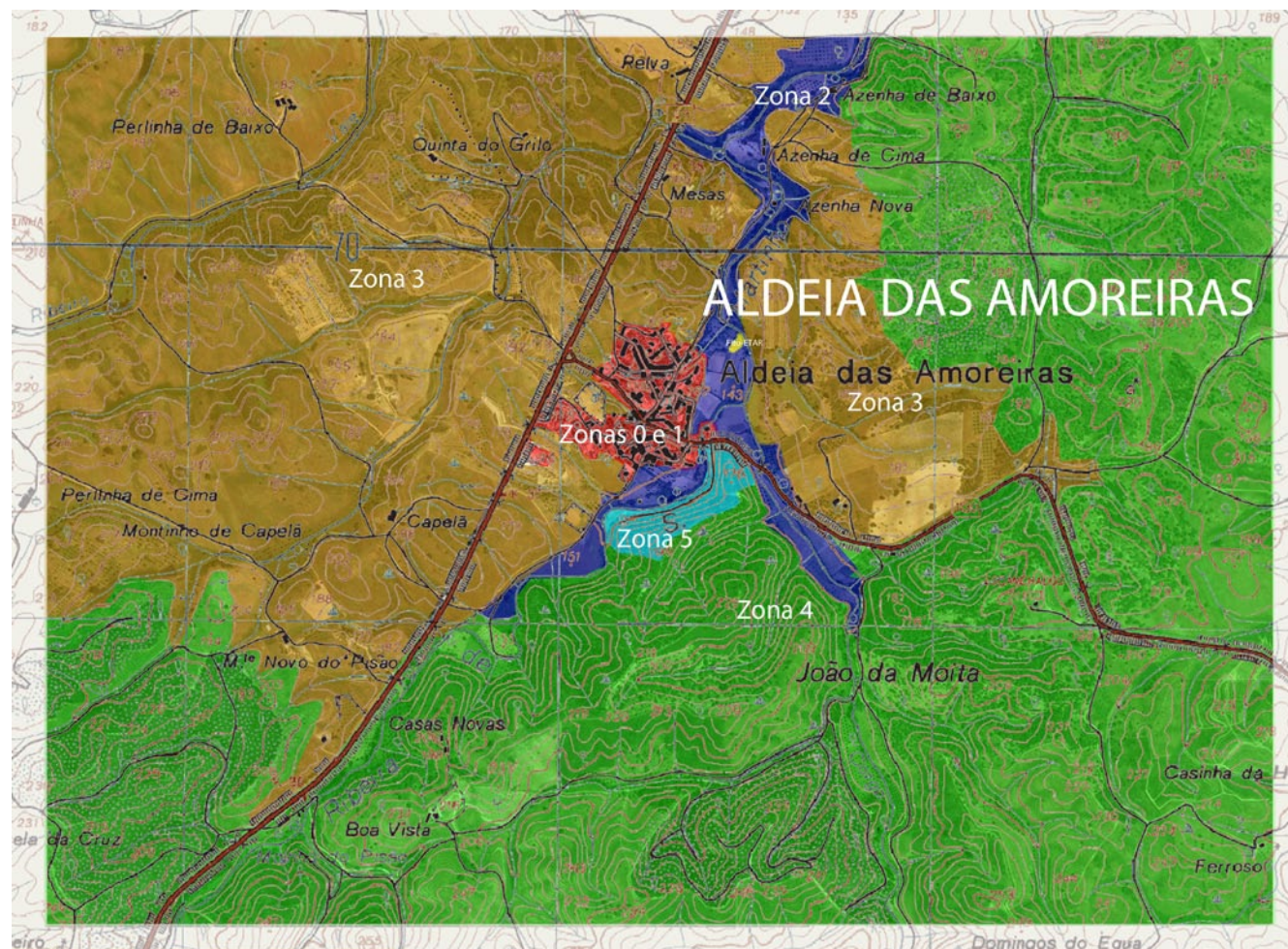


Ilustração 2: Sistemas de Zonas na Aldeia das Amoreiras e envolvente.

ZONAS E ELEMENTOS

Zona e descrição	Alguns Elementos que existem ou sugerimos existir nesta zona
ZONA 0: Como “Zonas 0” distinguimos os espaços ou domínios de actividade em que a intervenção humana é a mais intensa, significando que os intervenientes usam ou dedicam a esse espaço ou actividade muitas horas diariamente, durante quase todos os dias da semana.	Alojamentos das famílias da Aldeia; Cisternas para armazenamento da água da chuva; Centro Social Multifuncional; Mercearia ; Café “grátis”; Banco de Tempo/Horas/Produtos; Albergaria; WCEco - Sanitário Ecológico; Unidades de actividade empresarial, turística; Produção caseira de “carvão vegetal”; Produção doméstica de água quente e energia eléctrica com painéis solares; Rede de consumidores da agricultura apoiada pela comunidade.
ZONA 1: Como “Zonas 1” consideramos os espaços ou domínios de actividade em que a intervenção humana é bastante intensa, tendo em conta que os intervenientes usam ou dedicam a esse espaço ou actividade algumas horas durante quase todos os dias da semana. Estes são espaços de actividade intensiva em estreita ligação com a “Zona 0”. Existem portanto diferentes tipos de trocas entre a Zona 0 e a Zona 1 em termos de fluxo de materiais, energia e informação.	Produção de caseira de alimentos; pequenas hortas com produtos de consumo imediato; Produção alimentar familiar (Horta à Porta); Uso de carvão vegetal nas hortas; Produção de biogás e bio-fertilizantes; Tracção ou transporte animal; Produção de composto de minhocas; Uso do Parque infantil.
ZONA 2: Na “Zonas 2” existem espaços ou domínios de actividade em que a intervenção humana é frequente, tendo em conta que os intervenientes usam ou dedicam a esse espaço ou actividade pelo menos algumas horas durante alguns dias da semana.	Hortas familiares com integração de animais domésticos e uso do impacto animal para aumentar a fertilidade; Charcos e zonas húmidas para filtração de águas cinzentas e para produção de matéria orgânica; Matadouro comunitário; Hortas Comerciais com integração de animais, com produção comercial de estrume e composto; Eco-pensa - local para depósito de materiais, ferramentas e outros produtos não perecíveis disponíveis para quem necessitar; Viveiro Florestal comercial; Quinta Pedagógica e Banco de Sementes; Actividades de turismo ecológico com BTT e Passeios Pedestres.
ZONA 3: Nas “Zonas 3” configuram-se espaços e actividades que necessitam de menos manutenção e de produção extensiva. Estes requerem intervenção algumas horas por semana.	Culturas comerciais entre corredores de árvores forrageiras, para madeira, ou lenha ; Culturas agrícolas extensivas familiares ou comerciais; Pomares; Mini-hídrica comunitária; Pastos e searas - rotação com leguminosas em sementeira directa, “pasture crop” e “no kill crop”; Pastoreio e rotação de gado em cercas móveis / não permanentes; Charcos e zonas húmidas para filtração e infiltração de águas e para produção de matéria orgânica.

ZONAS E ELEMENTOS

Zona e descrição	Alguns Elementos que existem ou sugerimos existir nesta zona
ZONA 4: Como “Zonas 4” identificamos os processos ecológicos e espaços que necessitam de intervenção durante alguns dias ou apenas algumas horas durante o ano.	Piscicultura ecológica; Ecossistemas de Montado; Caça sustentável; Colheita de cogumelos; Colheita de cortiça; Florestas de árvores forrageiras; Espaços de colheita de cogumelos; Pastoreio, fixação de carbono e fertilização com gestão do impacto animal em pasto natural; Colheitas de plantas medicinais e aromáticas selvagens; Gestão do Espaço com subdivisões de acordo com o modelo “Key-line”; Actividade Agroflorestal; Produção de energia eólica; Extracção de materiais em bruto para construção civil: terra, pedra, madeira, canas; Gestão das áreas ripícolas / linhas de água; Charcas para armazenar água em altura e sua utilização por gravidade; Estação de depuração de águas negras / FitoEtar - Produção de salgueiros para lenha; Planeamento e intervenção para prevenção de fogos; Zonas de intervenção florestal - ZIF's.
ZONA 5: Como “Zonas 5” distinguimos os processos ecológicos ou espaços “não cultivados”, onde não existe intervenção humana, à excepção das seguintes actividades que contribuem para a regeneração e manutenção da biodiversidade.	Actividades de turismo ecológico; Observação e aprendizagem com a Natureza; Investigação científica; Contemplação e meditação, inspiração; zona de passeio.
ZONA 6: Como “Zonas 6” distinguimos os processos e espaços exteriores ao território da Aldeia (Zonas 0 a 5) que têm influência na dinâmica da Aldeia das Amoreiras, mas que são menos participados e não estão sob gestão directa pelos seus habitantes. As actividades da Aldeia dependem destes processos e existem trocas de materiais, serviços e informações.	Rede de transportes; Telecomunicações; Sistema financeiro bancário; Gestão autárquica; Farmácias; Cadeias de distribuição de Produtos alimentares (vendedores ambulantes); EDP - Energia de Portugal, Rede eléctrica nacional; Legislação; Combustíveis derivados do petróleo e gás natural; AMBILITAL - Recolha de resíduos sólidos urbanos; Produção e distribuição de tecnologia, maquinaria, electrodomésticos.



Ilustração 3: Descrição do uso do solo actual na Aldeia das Amoreiras.

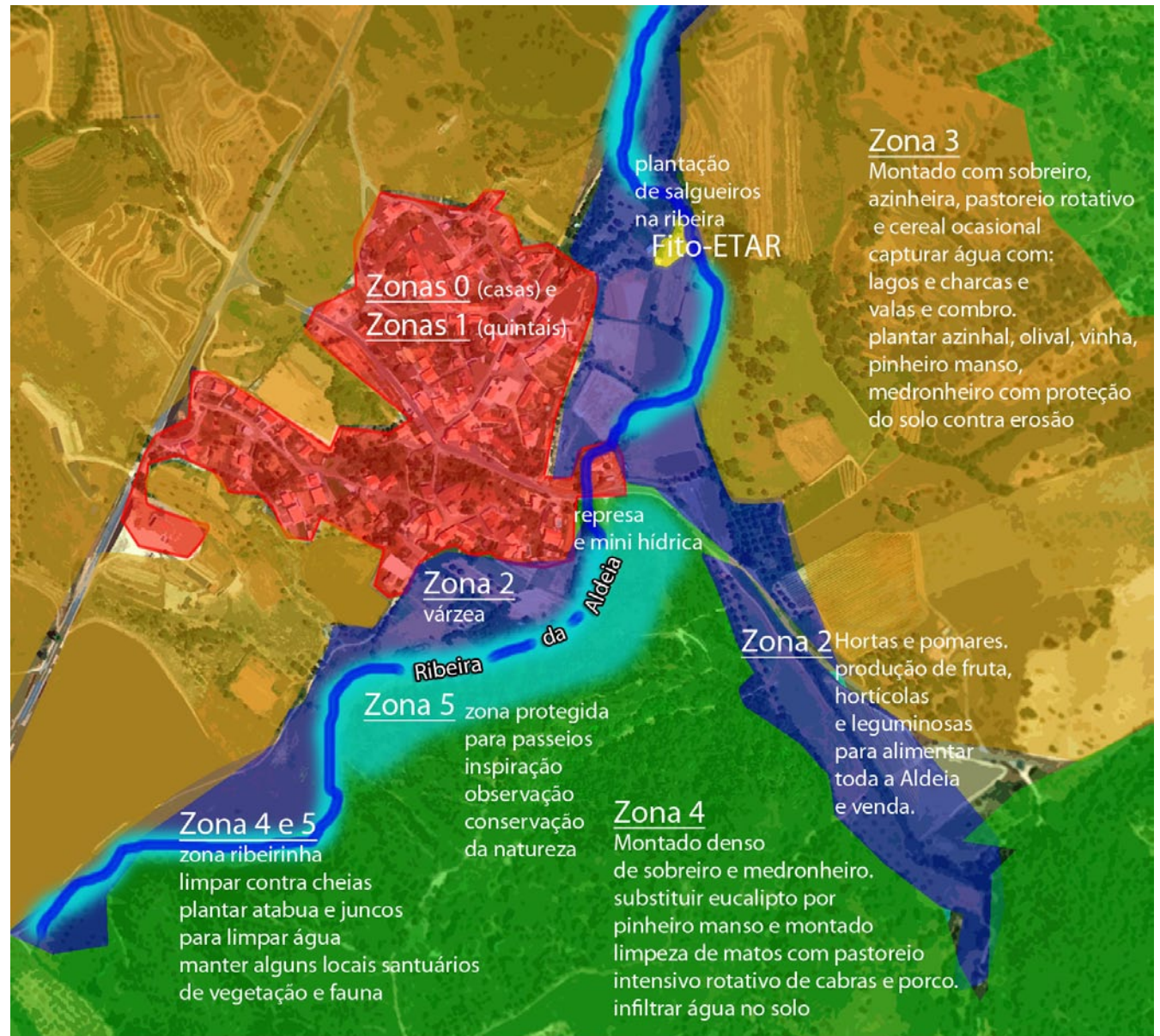


Ilustração 4: Sistemas de zonas no mapa aproximado da Aldeia das Amoreiras e envolvente com descrição dos usos do solo.

Nas imagens que apresentamos podemos observar, sobre fotografia de satélite, os usos do solo actuais na envolvente à Aldeia das Amoreiras. Noutra imagem podemos com maior e menor zoom a nossa definição das zonas para a Aldeia das Amoreiras e envolvente.

De forma geral, podemos identificar que o povoamento rural ou aglomerado urbano contém lá dentro das zonas 0 e 1 pois as casas são a zona 0 e as zonas 1 são os quintais perto das casas onde estão os elementos que necessitam de atenção diária.

A zona 2 é neste caso a zona da várzea ou vale onde se localizam os solos (de aluvião) mais profundos e férteis da Aldeia que aí se depositam devido à erosão do solo das zonas declivosas e também às cheias que deixam solo nas suas margens. Esta várzea é a zona por excelência para produzir hortícolas ou cereais em grandes quantidades pois é a zona que permite regadio e que tem o terreno plano com solos profundos, não sofrendo de grande erosão com os processos de lavra.

A zona 3 é a zona de montado mais espaçado e com declives médios e a zona 4 a zona de montado mais denso e mais declivoso.

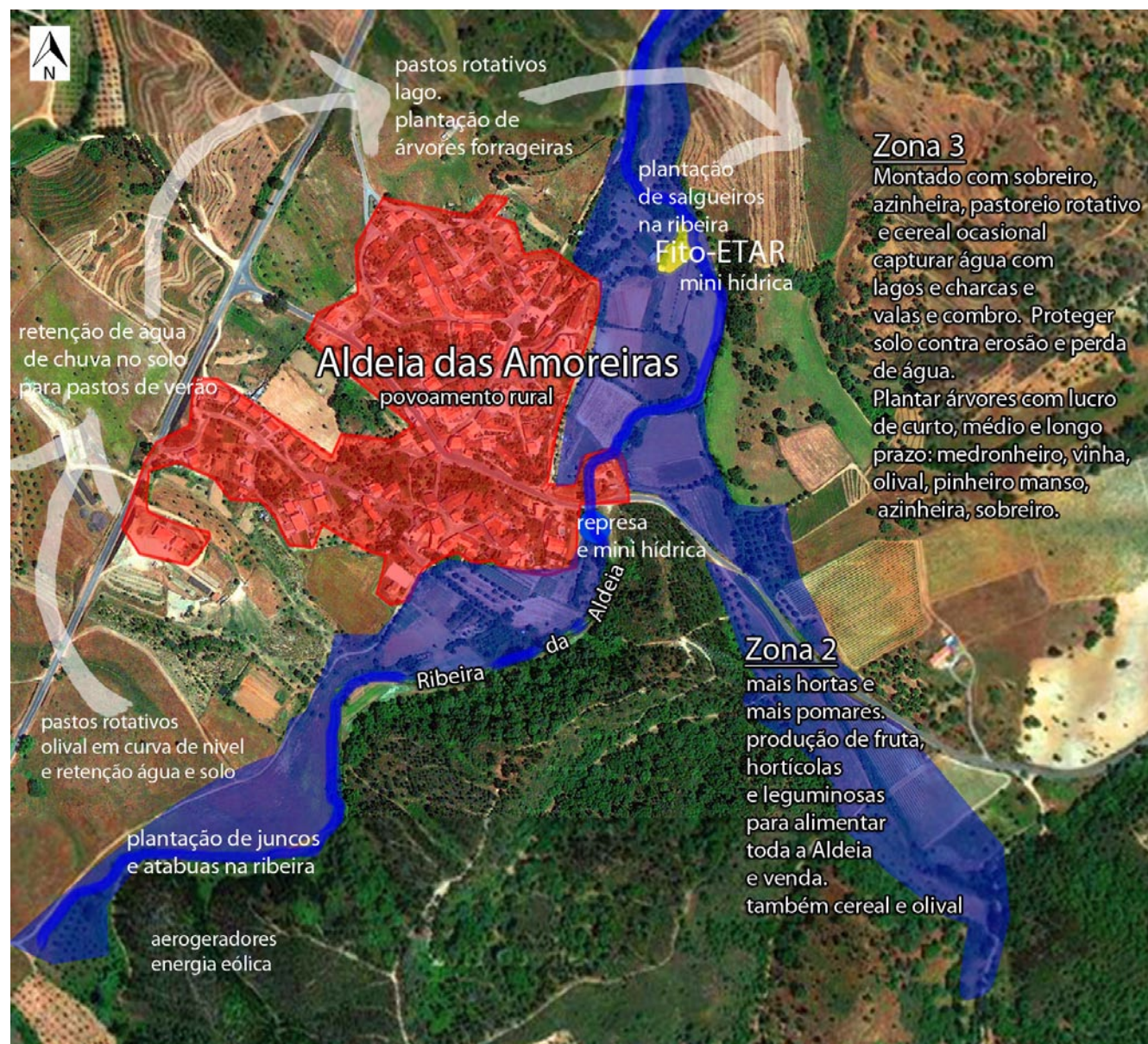


Ilustração 3: Pormenor de funcionamento das zonas 2 e 3.

A zona 5 é a zona que pode ser guardada como protegida e selvagem para aprender com a natureza os processos de sucessão natural e preservar a biodiversidade que deve ser uma fonte de inspiração e aprendizagem e reencontro do ser-humano com todos os seres vivos.

Em maior detalhe podemos ver o mapa com as zonas 2 e 3 em que observamos o sistema de rotação do pastoreio de acordo com o método da gestão holística (holistic management) que sugerimos para promover uma criação de gado sem inputs externos e com o benefício de regenerar o solo, regular o ciclo da água e melhorar as pastagens. Este método sugere, por exemplo para uma propriedade de olival de 7 hectares, a criação de 50 ovelhas em rotação intensiva em cerca de 14 parcelas em que duas ou três são no verão nas zonas mais frescas da paisagem. Estas parcelas são marcadas com rede eléctrica deixando ao agricultor pastor tempo para outras actividades. Para um rebanho maior podemos pensar a rotação entre parcelas de vários proprietários que em cooperação beneficiam do impacto regenerativo positivo do gado se pastoreado com este método gerando ainda uma fonte de alimento, receita e limpeza de matos sem custos adicionais.

Esta proposta de zonas para a Aldeia das Amoreiras pode ser usada como guia para as zonas em questão como pode ser usada como forma de manter a atenção para a gestão do tempo e do esforço de acordo com a posição dos elementos no espaço por parte do leitor. Posicione sempre aquilo que necessita de mais atenção mais perto...



A PRIORIZAÇÃO DE FUNÇÕES

Definir prioridades é tipicamente a função dos políticos, uma vez que os recursos são sempre limitados e existem várias acções importantes a tomar que não podem todas ser implementadas em simultâneo por falta de recursos humanos ou materiais.

Neste projecto de Permacultura identificámos as funções prioritárias de acordo com a visão da Perma D e os Sonhos da população para a Aldeia das Amoreiras, em conjunto com a identificação das áreas importantes para a sustentabilidade de qualquer comunidade pelo Bill Mollison no Permaculture Designers Manual.

Estas funções prioritárias ilustram também aquelas que consideramos estarem mais em falta ou que pelo contrário são mais fáceis de conseguir alcançar. Deste equilíbrio ponderado pela nossa equipa e das soluções que conseguimos identificar resultam os mapas mentais apresentados no capítulo da análise e a tabela seguinte que é uma síntese destas funções e soluções, que consideramos serem úteis como proposta para o cenário ideal da Aldeia das Amoreiras Sustentável.



FUNÇÕES E SOLUÇÕES PRIORITÁRIAS

1.1 Produzir alimentos localmente	Quinta partilhada, quinta experimental e pedagógica
1.3 escoar produtos locais	“Mercearia Social” multi-funcional inserida na cooperativa / associação da aldeia, empregando uma pessoa da aldeia e gerando meios financeiros para financiamentos de projectos da aldeia e da cooperativa/associação (IVA para a aldeia) Fidelizar consumidores e ou instituições de consumidores. Esquema de “Agricultura apoiada pela comunidade” Fazer as contas sobre a contabilidade, produção agrícola local e escala de produção agrícola “Mercado da Aldeia” mensal, multi-funcional Conhecer a legislação sobre a produção alimentar, transformação e venda de produtos alimentares Criar uma instituição para a produção, transformação e venda dos produtos e serviços locais/regionais
1.4 Aceder e manter a água na aldeia	Capturar a água da chuva Sensibilizar para a importância da qualidade e da poupança de água Controlo de qualidade de água potável e prevenção de contaminações Plano de emergência / contingência para a água potável
2.1 Recuperar as construções danificadas e manter e requalificar as existentes	Fogões rocket stove ligados a assentos com massa térmica Mini estufas
2.5 Gerir esgotos	A CMO construir fito-etar para a Aldeia (vantagens: utilização de água limpa e fertilizada para a agricultura + sequestro de CO2) Serviço de construção de fito-etars domésticas = estações de tratamento de esgotos com plantas dimensionadas para cada casa Oficina/curso de construção de fito-etars domésticas Construção de Sanitários Secos Construir unidades familiares de reutilização de águas cinzentas
2.8 Energia	Carneiro hidráulico. (de um ribeiro para uma cota superior sem utilização de energia) Moinho hidráulico americano (de um poço ou furo para cota superior) Bomba manual (de um poço ou furo) Bomba ligada a painel solar (de um furo, poço ou barragem para cota superior)

2.8 Energia	Transportes da Junta de Freguesia
	Sistema de boleias
	Transporte com burro/cavalo e carruagem
	Diminuir a necessidade de transporte aumentando a quantidade de serviços existentes na Aldeia das Amoreiras
	Produção pontual de micro-hídrica nas casas perto da ribeira
	Iluminação publica solar com serralharia
	Introduzir pequenas centrais de produção paralelas ao consumo EDP
	Introduzir pequenas centrais de produção em micro-produção para a EDP
	Introduzir ilhas de energia nos montes com energias mistas fotovoltaico/eólico/gerador a biogás
	Introduzir micro-geração nos edifícios públicos
	Mini produção (big) da Aldeia a vender para a rede e a ser gerida por instituição comunitária: investimento / donativos
	Colectores solares de termossifão (inclui depósito) ligados em série com esquentador / ou caldeira eléctrica
	Experimentação do método do jean pain para produzir biogás a partir da compostagem anaeróbia de biomassa florestal num monte (Jorge Crespo)
	Instalar uma estação de estudo (anemómetro e um data-logger) dos padrões de vento, no melhor local possível nos montes ou na aldeia, para ponderar a viabilidade da instalação de aerogeradores eólicos com menos de 12 metros de altura
	Utilizar a bicicleta para produzir energia de rotação para centrifugar o mel, destroçar biomassa, lavar roupa, carregar baterias, afiar lâminas, etc.
	Complementar o aquecimento da casa com lareira/salamandra usando uma serpentina/caixa de água que liga a radiadores de aquecimento de água
	Nos montes, efectuar grupos de pressão junto da CMO e EDP para a ligação à rede
	Criar ilhas de energia de produção e consumo no local, eliminando a necessidade de distribuição da energia
3.2 Implantar / reintroduzir ofícios	Identificar as profissões mais necessárias para a população
	Identificar as profissões mais fáceis de desenvolver no mercado actual de acordo com as oportunidades e recursos existentes
	Conhecer as condições necessárias (conhecimento, investimento, mercado) para os ofícios prioritários
	Encontrar e organizar formação para os ofícios necessários e novos ofícios (ofício em si e em Gestão). Criar acções de formação e exploração em cada ofício (apicultura: formação, mel, própolis, velas, etc...etc...) e estabelecer as ligações com os outros ofícios (carpinteiro/apicultor, serralheiro, agricultor, professor/agricultor)

3.4 Organizar o escoamento de produtos e serviços locais	Mercado multi-funcional para distribuir produtos e serviços e exportar produtos
	Criar uma moeda local para promover a economia local de pequena escala
	Criar sistema de troca local para promover a valorização de produtos e serviços com pouco mercado
	Divulgar no site da Aldeia das Amoreiras Sustentável e no site do Centro de Convergência
	Tornar site da Aldeia mais aberto à participação da população e membros do projecto
	Criar um sistema de agricultura suportada pela comunidade (com compromisso protocolado pelos consumidores), em que o lar de São Martinho/consumidores locais/outras instituições comprem a produção agrícola produzida na freguesia/aldeia pelos produtores locais, por uma cooperativa/associação/empresa/sociedade de produtores (responsabilidade e compromisso)
	Formação sobre contabilidade e fiscalidade na agricultura, venda dos produtos alimentares e associativismo
	Cooperativa Sustentável da Aldeia das Amoreiras multi-sectorial de produtores, serviços, consumo, etc.
3.5 Novos serviços e produtos sustentáveis	Consumir os produtos locais em almoços, convívios, texas
	Construir bicicletas para gerar energia de rotação, para centrifugação, tornos, destroçadores, moinhos de carne e outros alimentos, geração de electricidade, etc.
	Fabrico de óleo aromático a partir da esteva
	Fabrico de chorume de urtiga para venda
	Passeios turísticos na Aldeia das Amoreiras Sustentável
	Reciclar plástico para óleo
	Fabricar e utilizar destroçador de acoplamento eólico (destroçador que se liga ao tractor ou ao moinho de vento), para destroçar biomassa
	Fazer uma experiência piloto (com oficina) da utilização da biomassa para produção de água quente sanitária, gás metano e composto orgânico / fertilizante (método jean pain)
4.3 Documentar a Aldeia: o seu passado, presente e futuro	Fabrico e utilização de arcos, flechas e bestas para a caça
	Aluguer do transporte em animal de carga com e sem carroça / charrete / carruagem
Base de dados de informação: mapas/infografia/bases de dados local e bioregional - pessoas, recursos, “páginas verdes”, “Green map”	

FUNÇÕES E SOLUÇÕES PRIORITÁRIAS

6.2 Organizar, comunicar e decidir colectivamente	Mailing list de novos residentes e pessoas com interesses locais e semelhantes na região
	Paralelamente à CMAA e ao Centro de Convergência, juntar as pessoas com interesses semelhantes em grupos, com facilitadores exteriores à reunião, para moderar e chegar a resultados em todas as reuniões
6.3 Acolher novos residentes na Aldeia	Encontrar profissões e formas de atrair as camadas populacionais que mais falta fazem na aldeia
7.3 Assistência médica e de enfermagem	Transporte para o médico em São Martinho pela Junta de Freguesia
	Contratação de um médico pela aldeia
	Organização de consultas de especialidades
	Consultas de enfermagem na aldeia gratuitas com enfermeiros voluntários
	Criação de um grupo de apoio à saúde na aldeia

ESTRATÉGIAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO

Pensamos que é necessário efectuar um plano de implementação de um cenário ideal, com a população, que se pode chamar Plano de Acção para a Aldeia das Amoreiras de Sonho, ou Estratégia Local de Desenvolvimento Sustentável ou Plano de Decrescimento de Energia ou Plano de Implementação da Aldeia das Amoreiras Sustentável ou outro nome qualquer desde que consista num plano participado para chegar aos sonhos da comunidade e fazer florescer esta comunidade dentro dos limites da sustentabilidade dos ecossistemas e das pessoas.

Esse plano de acção para a aldeia de sonho pode ir buscar inspiração nas ideias, visões, soluções e prioridades identificados e apresentados neste Plano Geral de Permacultura para a Aldeia das Amoreiras Sustentável mas deve ser mais concreto, chegando ao nível da alocação de recursos por parte da população ou seja: quem faz que parte do plano e com que recursos.

Passando às estratégias de implementação é importante ter em mente que os maiores desafios para esta aldeia e para toda a humanidade são essencialmente os mesmos:

1. Aprender a ganhar riqueza com a natureza, regenerando-a em vez de a estragar;
2. Aprender a lidarmos uns com os outros, com cooperação em vez de conflito.

Acreditamos que já apresentámos neste projecto algumas ideias para o primeiro ponto que podem ser consultadas em detalhe na internet e em vários livros de especialidade. Apontamos, por isso, alguns exemplos de actividades ou abordagens de acção que podem servir várias funções importantes como ajudar a unir a população ao mesmo tempo que permitem a aprendizagem, a experimentação e o erro, a partilha de experiências e a demonstração e valorização património cultural e natural da Aldeia.

Algumas destas ideias exemplos são:

- I. Planear, Fazer e Celebrar em Grupos de Sonhos
- II. Eventos multi-funcionais (como a Festa da Aldeia)
- III. Centro Social multi-funcional
- IV. Cooperativa de Consumidores

PLANEAR, FAZER E CELEBRAR EM GRUPOS DE SONHO

Um grupo de sonho é ou pode ser um grupo em que as pessoas se juntam para partilhar o seu sonho comum e a partir daí planeiam o trabalho, fazem em conjunto e celebrar em conjunto. Ao contrário dos grupos tradicionais em que as pessoas se juntam para ajudar um líder carismático, num grupo de sonho as pessoas juntam-se por convite de uma ou mais pessoas carismáticas e em grupo a pessoa que teve a ideia deixa morrer o seu sonho para que ele renasça como um sonho do grupo.

O grupo de sonho vai juntar o sonho de quem teve a ideia inicial mais o sonho das outras pessoas que aceitaram juntar-se nesse grupo para o fazer acontecer e nele por um bocadinho da sua ideia. Depois de um momento inicial de partilha dos sonhos, cria-se um sonho que é do grupo e que já não é de uma pessoa apenas. Estaremos a planear, fazer e celebrar o nosso sonho em vez do sonho dele ou dela.

Como exemplo podemos imaginar uma pessoa que tem o sonho de organizar uma festa e convida para um grupo de sonho um grupo de amigos com quem gostaria de trabalhar. Num primeiro momento essa pessoa partilha o seu sonho ao grupo e afirma que deixará morrer o seu sonho de uma festa para nascer como um sonho do grupo. Então perguntará a cada uma das pessoas

para partilhar o seu sonho, a sua ideia, para essa festa. O grupo tentará não escolher uma ideia ou outra mas sim realizar um sonho e outro. Os sonhos de cada um passam a ser os sonhos do grupo e em grupo ajudar-nos-emos para os realizar todos. Depois deste momento de partilha de sonho resta planear e orçamentar. Esse será o momento em que o grupo decide se tem as condições necessárias para realizar o sonho ou não. Se não as tiver tem de reunir mais recursos ou mais pessoas. Se sim, pode partir para a acção e no final de cada tarefa celebrar em grande! No final de o trabalho realizado e celebrado o grupo pode pensar para onde vai de seguida. Se termina ou se continua para fazer outras coisas.

À escala da Aldeia e com vista a ter grupos para realizar todos os sonhos da Aldeia das Amoreiras, podem surgir conflitos entre sonhos ou a necessidade de partilhar recursos ou a potencialidade de ganharem dois em grupos em cooperação caso conheça o trabalho uns dos outros.

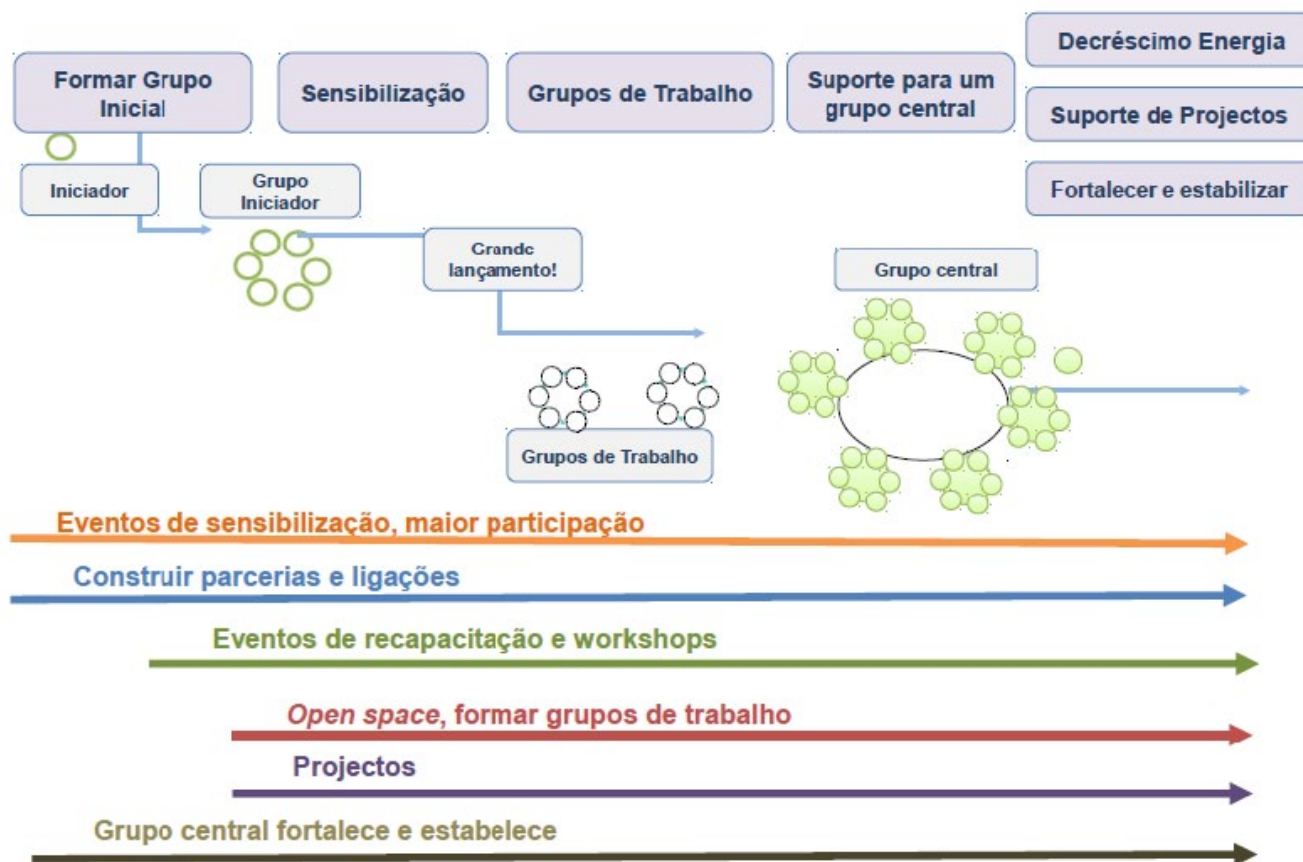
A existência de grupos de trabalho sectoriais pressupõe, assim, a integração dos assuntos e soluções acordadas nos vários grupos de trabalho por forma a que não existam grupos de pressão muito fortes que desrespeitem as necessidades dos outros e do bem comum.



O modo de funcionamento modular dos grupos de trabalho, como proposto pela rede de iniciativas de Cidades em Transição (Transition Towns, Transition Network.org) parece ser uma solução interessante para juntar vários grupos de trabalho ou grupos de sonho para integrar as várias visões e criar uma visão geral para a comunidade.

Pode existir então um grupo guardião dos sonhos da Aldeia das Amoreiras que é pode ser composto por um representante de cada um dos grupos de sonho. Estes representantes devem ser rotativos e todos eles devem pertencer a um grupo de sonho.

A ligação à rede das Cidades, Vilas e Aldeias em Transição (transitionnetwork.org e transicao-portugal.net) em Portugal parece ser também uma estratégia que permite aprender e partilhar sucessos e insucessos com as restantes iniciativas de cidadãos em Portugal que se juntam para fazer a transição entre as nossas comunidades do presente e as comunidades de sonho do futuro.



Modelo da organização em grupos proposto pela Rede da Transição (Transition Network).

EVENTOS MULTIFUNCIONAIS

Uma maneira de conseguirmos visualizar melhor uma actividade ou um projecto é imaginarmos no futuro e olhar para trás e ver como foi e portanto como pode vir a ser...

Festa da Aldeia

Uma maneira de conseguirmos visualizar melhor uma actividade ou um projecto é imaginarmos no futuro e olhar para trás e ver como foi e portanto como pode vir a ser...

Foi um evento que celebrou a abundância gerada pela cooperação entre pessoas e entre pessoas e o seu ambiente natural. As pessoas da aldeia participaram activamente de acordo com os seus conhecimentos e habilidades. Muitos forasteiros estiveram presentes para desfrutar de um dia de Festa marcado pela envolvimento única da Aldeia das Amoreiras, os contornos das suas casas, ruas e paisagens. O ambiente natural esteve em evidência nos bens materiais e espirituais que gerou para a comunidade e para os visitantes. O programa do Evento esteve centrado nos valores locais, da Natureza e da Experiência Humana.

Boa música, boa comida, conversas animadas, reencontro de antigas amizades... A partilha de experiências e aprendizagens desenvolveu os relacionamentos e a confiança. O consumo, as trocas e o comércio ético de bens materiais produzidos

de acordo com padrões ecológicos gerou satisfação. No dia a seguir ao evento, o local do evento estava limpo e a saudade visitava aqueles que por ali passavam. Diziam que, “temos de voltar a organizar outra Festa assim ...” Teve a duração de um, dois ou 3 dias.

Programa:

Música; Dança; Baile; Teatro; Mercado D'aldeia ; Oficinas; Cursos; Desporto; Concursos; Celebração; Refeições; Meditação; Passeio Pedestre.

Organização:

Coordenação Central por um grupo de sonho; Facilitadores; Grupos temáticos - Secções do Centro Social ; Funcionários do Centro Social; Funcionários da Junta de Freguesia; Voluntários; Formadores; Logística; Energia; Alimentos; Sistema de Som; Equipamento diverso.

Centro Social Multifuncional

Um Centro Social multifuncional pode ser um espaço onde as pessoas da Aldeia se unam para cuidar das pessoas e cuidar do seu ambiente natural.

Facilita o relacionamento e aprendizagem inter-geracional e oferece uma variada gama de serviços, produtos e actividades para todas as idades.

Um Centro Social multifuncional pode ser um espaço onde as pessoas da Aldeia se unam para cuidar das pessoas e cuidar do seu ambiente natural.

Facilita o relacionamento e aprendizagem inter-geracional e oferece uma variada gama de serviços, produtos e actividades para todas as idades.

A saúde do corpo e da mente são uma prioridade e por isso as refeições são confeccionadas com produtos frescos de origem vegetal e animal, produzidos pelos agricultores localmente de acordo com padrões ecológicos que regeneram a fertilidade do ecossistema cultivado.

A partilha de experiências e habilidade entre todas os habitantes da Aldeia e em especial dos mais velhos é valorizada através de oficinas e cursos temáticos.

O potencial criativo é estimulado tendo em vista gerar abundância de bens materiais e inovação.

O Plano de Actividades está centrado no desenvolvimento humano integral e favorece o acesso ao conhecimento e à aprendizagem em todos os domínios.

Organização:

Entidade como pessoa colectiva; Assembleia Geral; Plano de actividades e orçamento anual; Direcção executiva; Programação Mensal, Trimestral; Secções (desporto, “universidade rural”, teatro, música); Grupos de trabalho por objectivos; Voluntariado; Propriedade; Edifício.

Serviços:

Centro de Dia; Refeições; Assistência aos mais velhos; Enfermaria; Espaço de convívio; Jornal de Parede da Aldeia; Jornais Regionais; Espaço “Em segunda-mão”; Espaço Internet; Biblioteca; Café Grátis - Mercearia por encomenda; Televisão; rádio; Festas; Universidade Rural “UR”; Oficinas - Cursos (saúde natural, culinária, costura, licores, cogumelos).

Produtos:

Venda dos produtos da aldeia. Compotas; Licores; Roupas artesanais; hortícolas; etc.

Fluxos:

Os mais velhos (e outras pessoas da Aldeia) podem ensinar em oficinas, cursos e Universidade Rural e beneficiam de créditos para benefícios no Centro Social.

Banco de tempo - sistema de crédito.

Inputs:

Água; Alimentos; Lenha; Investimento financeiro.

Cooperativa de Consumidores

Juntar um grupo de consumidores na aldeia, que pode crescer para alargar um grupo maior de pessoas de outras aldeias, que se une para comprar produtos locais de qualidade e que respeitem a natureza. Ao juntar um grupo de consumidores numa cooperativa que pode ser formal ou informal, pode-se comprar directamente aos agricultores locais mesmo que sem factura e pode-se dar emprego a uma pessoa para produzir para os consumidores. Como exemplo imagine-se um grupo de 20 consumidores em que cada um dá 30€ por mês e que assim contratam um agricultor para produzir inteiramente para os consumidores.

Uma cooperativa de consumidores pode incentivar a produção local e ética de produtos e serviços, pois os consumidores têm o poder de criar o mercado que normalmente é o obstáculo maior à produção. No caso da Aldeia das Amoreiras cabe aos consumidores organizarem-se e encontrarem um número mínimo de consumidores que lhes permita ganhar o poder necessário para incentivar ou mesmo financiar a produção dos bens ou serviços que lhes interessa.

Um dos principais obstáculos ao desenvolvimento da ética na economia é a lógica de mercado em que os consumidores e os produtores são ensinados a procurar sempre o menor custo ou preço. Uma cooperativa de consumidores pode mudar esta cultura, gerando uma economia ética que promova uma comunidade unida, sustentável e que gere trabalho entre os próprios residentes da área da intervenção da cooperativa, podendo mesmo acontecer que alguns membros serão tanto consumidores como produtores.

CONCLUSÃO DA PROPOSTA

A aplicação das ideias propostas por um projecto de permacultura deve ser entendidas num contexto de transição entre o agora e o ideal. Se as soluções forem bem pensadas então elas, quando experimentadas, irão germinar e florescer no terreno da Aldeia das Amoreiras.

Se uma experiência não funcionar então ela será útil para podermos aprender com o erro. A nossa abundância é apenas limitada pela nossa criatividade e criar soluções novas implica sempre lidar com os erros. Observar bem e pensar bem antes de fazer fazem parte do processo de planeamento em Permacultura e é por acreditarmos nele que fizemos este esforço para facilitar o trabalho de acção a quem pretende agir pelo futuro da Aldeia das Amoreiras.

Esperamos que quem leia este projecto encontre o tempo, a motivação e os recursos necessários para experimentar algumas das soluções aqui propostas e que sinta a confiança e para as considerar como um ponto de partida para melhorar, adaptar, aprendendo com os erros e procurando verificar se a aplicação dos princípios da Permacultura ajuda de facto na procura de soluções de sucesso. Uma coisa é certa: os exemplos de sucesso reproduzem-se. E essa poderá ser uma forma de avaliação das soluções aqui apresentadas. Algumas têm-se reproduzido por todo o mundo. Outras, quando adaptadas serão experimentadas pela primeira vez numa aldeia.

Sugerimos assim manter o espírito aberto na procura de soluções de sucesso, não personalizando o erro mas sim identificando na solução aplicada qual é processo que precisa de ser melhorado.



CONSIDERAÇÕES FINAIS





Este projecto de Permacultura é um plano geral para o desenvolvimento sustentável de uma aldeia com mais de quatro séculos de história, plena de tradições, cultura, património, recursos naturais e percursos construídos e desenvolvidos ao longo do tempo. A densa rede de relações sociais e história constituem o seu capital humano e social que são a razão de permanência no tempo desta aldeia em paralelo com a existência de uma natureza que a suporta e nutre.

O futuro das aldeias em Portugal tem sido ameaçado pelo abandono populacional e pela desvalorização da agricultura. Cabe aos governos centrais e regionais mas também às populações locais e às freguesias e municípios e universidade e associações, encontrar a forma de inverter o processo de abandono das aldeias. As aldeias são de uma extrema importância para Portugal porque a boa gestão dos recursos naturais depende de uma gestão de proximidade em que as pessoas cuidam das suas terras. E porque as aldeias são os museus vivos onde se guarda o conhecimento e o património histórico e cultural do país. E porque as aldeias são comunidades pequenas onde podemos ensaiar como é possível vivermos de forma sustentável neste planeta.

Se não conseguirmos encontrar as soluções para viver de forma sustentável numa aldeia como podemos encontrar para uma cidade?

Foi um projecto feito com muito carinho e como uma dádiva à população da Aldeia das Amoreiras mas também como uma dádiva a todos e todas aqueles e aquelas que se preocupam o futuro das aldeias de Portugal e com o futuro da nossa natureza que pode ser produtiva se bem cuidada por nós de perto. O Alentejo e Portugal precisam de pessoas como as da Aldeia das Amoreiras, que não desistem e ficam no seu território por amor e por responsabilidade, cuidando da terra e das suas gentes, muitas vezes sem saber bem porquê mas sabendo que sim. Que este é o seu lugar, para viver um presente e um futuro bonito com os seus e com quem vier por bem.

A todos vós oferecemos este trabalho, que esperamos que sirva de inspiração e de fonte de mais ideias e muitas acções por um mundo melhor à nossa volta.

Ref. I

D'abreu et al. (2004)

Pág.18

Ref. II

Vizinho (2007a)

Pág.18

Ref. III

Cabral et al. (2005)

Pág.19

Ref. IV

Vizinho (2007b)

Pág.20, 21